



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES)

TEATRO, GÊNERO E LITERATURA: um diálogo que interliga saberes

SULEIGMA DINIZ SILVA

João Pessoa

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES)

TEATRO, GÊNERO E LITERATURA: um diálogo que articula saberes

Suleigma Diniz Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba- UFPB como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, sob orientação do Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida Neto e coorientação do Prof.Dr. Jerônimo Vieira de Lima Silva.

João Pessoa

2024

SULEIGMA DINIZ SILVA

TEATRO, GÊNERO E LITERATURA:

Um diálogo que articula saberes

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES – da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em 29 de abril de 2024.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br ARTHUR MARQUES DE ALMEIDA NETO
Data: 31/07/2024 15:31:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Arthur Marques de Almeida Neto - Orientador

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Universidade Federal da Paraíba.

Jerônimo Vieira de Lima Silva

Jerônimo Vieira de Lima Silva - Coorientador

Doutor pelo Programa Doutoral em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (Portugal)/ Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Universidade Regional do Cariri.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIA CHIAMULERA
Data: 31/07/2024 17:24:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Márcia Chiamulera – Membro Externo ao Programa

Doutora em Cinema, Música e Teatro pela Alma Mater Studiorum da Università di Bologna (UNIBO/Itália).

Universidade Federal da Paraíba.

Líria de Araújo Moraes – Membro Interno ao Programa

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Paraíba.

Documento assinado digitalmente
gov.br LÍRIA DE ARAÚJO MORAIS
Data: 31/07/2024 21:54:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Suleigma Diniz.

Teatro, gênero e literatura: um diálogo que interliga saberes / Suleigma Diniz Silva. - João Pessoa, 2024.

108 f. : il.

Orientação: Arthur Marques de Almeida Neto.

Coorientação: Jerônimo Vieira de Lima Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Teatro e literatura. 2. Gênero e sexualidade. 3. Arte-Educação. I. Almeida Neto, Arthur Marques de. II. Silva, Jerônimo Vieira de Lima. III. Título.

UFPB/BC

CDU 82+7:347.156+57.017.5(043)

Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Chegar a um Mestrado em uma Universidade Federal para uma pessoa como eu, que nasceu em um sítio interiorano, que foi mãe aos 18 anos, e filha de pais semianalfabetos, parecia uma missão quase impossível; porém, contrariando todas as expectativas, aqui estou digitando estas linhas, e, vale salientar, nunca foi tão prazeroso realizar esta tarefa, para demonstrar a gratidão por todos e todas, que, de forma direta ou indireta, colaboraram para que este sonho se tornasse realidade. Ninguém alcança o sucesso caminhando sozinho. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Antoine de Saint-Exupéry). Portanto, todas e todos que me ajudarem se tornaram eternamente responsáveis pela gratidão que cativaram em mim.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, que nunca me abandonou, sempre foi a minha coluna e me colocou em lugares nunca imaginados.

Aos meus pais, José Roberto Borborema Silva e Maria do Socorro Diniz Silva, responsáveis pelo ser humano que me tornei. Embora meu pai não esteja aqui para viver comigo a concretização de tantos sonhos, ele foi e sempre será, para mim, a maior e melhor representação de herói.

Ao meu esposo Dinarth, que sempre esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e mostrando que eu conseguiria chegar onde eu quisesse.

Aos meus filhos Maria Isabel, João Zoé e Sofia Roberta, que são o combustível para eu levantar da cama todos os dias, pronta para as batalhas que me aguardam.

Ao meu colega de trabalho Pablo Gonzaga, que, no início desta jornada, estendeu sua mão e me orientou no caminho que deveria percorrer.

A minha, brilhante, amiga Gesicleide Albuquerque, que fez tudo que estava a seu alcance para o meu êxito na seleção deste tão sonhado Mestrado.

A minha diretora Geovane Marinho que colaborou para a realização desse sonho.

A CAPES pela bolsa que possibilitou arcar com as despesas para a realização desse sonho.

Aos professores responsáveis pela minha banca de qualificação, visto que contribuíram de forma significativa para o aprimoramento da minha Dissertação.

Ao meu orientador e coorientador pelo suporte durante esse processo.

A todos, todas e todes que estiveram comigo nessa caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa discute o desenvolvimento de um processo pedagógico e artístico que articula as linguagens artísticas, especificamente, do teatro e da literatura, de forma interdisciplinar, para o trato transversal de questões de Gênero, como intervenção pedagógica. Dessa forma, relacionar o Teatro do Oprimido de Boal, em especial o Teatro Fórum, com a prática de jogos teatrais, nas aulas de Artes, como possibilidade lúdica de tratar questões de gênero e sexualidade na perspectiva do oprimido, como intervenção pedagógica na escola campo: Frei Campo Mayor no distrito ponta de pedras no município de Goiana-PE. Os educandos e educandas envolvidos e envolvidas nesse projeto são dos 2º e 3º anos do ensino médio. Relata-se o desenvolvimento dos encontros realizados como possibilidade de refletir sobre a prática pedagógica. Com relação a culminância, realizou-se uma apresentação do Teatro Fórum na qual a temática cerne foram as questões de gênero e sexualidade, em especial, o trato da LGBTfobia. Reflete-se sobre a práxis docente a partir da experiência da intervenção pedagógica que possibilitou a reflexão dos educandos e educandas acerca de questões de gênero e sexualidades e seus múltiplos desdobramentos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Arte-Educação, Teatro do Oprimido, Literatura.

ABSTRACT

This research discusses the development of a pedagogical and artistic process that articulates the artistic languages of theater and literature, in an interdisciplinary way, for the transversal treatment of Gender issues, as a pedagogical intervention. In this way, relate Boal's Theater of the Oppressed, especially the Forum Theater, with the practice of theatrical games, in Arts classes, as a playful possibility of dealing with issues of gender and sexuality from the perspective of the oppressed, as a pedagogical intervention. The rural school is contextualized: Campo Mayor in the district of Goiana-PE. The students involved in this project are in the 2nd and 3rd years of high school. The development of the meetings held is reported as a possibility to reflect on pedagogical practice. Regarding the culmination, there was a presentation by Teatro Fórum in which the core theme was issues of gender and sexuality, in particular, the treatment of LGBTphobia. It reflects on teaching praxis based on the experience of pedagogical intervention that enabled male and female students to reflect on issues of gender and sexualities and their multiple consequences.

KEYWORDS: Gender, Art-Education, Theater of the Oppressed, Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Começo de uma jornada. Preparação do projeto	50
Figura 2 – Vamos jogar? Jogo corporal	51
Figura 3 – E o jogo continua. Jogo corporal	52
Figura 4 – Vamos falar sobre Teatro? Resumo da História do Teatro	54
Figura 5 – O assunto continua sendo teatro. Estudando o Teatro do Oprimido	54
Figura 6 – Vou mostrar como se joga, aceita? O corpo e os jogos corporais.	56
Figura 7 – Agora, vocês jogam. Jogos corporais acontecendo	56
Figura 8 – É hora de improvisar. Jogos teatrais – o improviso	59
Figura 9 – Este é um momento de catarse. Jogos teatrais, improviso	59
Figura 10 – Educandos/as se preparando para assistir ao vídeo. Apreciação de vídeo sobre o Teatro do Oprimido	61
Figura 11 – Relação oprimido-opressor. Aluna interpretando uma situação de opressão	63
Figura 12 – Primeira leitura. Educandos/as realizando as primeiras leituras do texto	65
Figura 13 – A leitura continua. Realização da leitura do texto	65
Figura 14 – Ensaios (I). Realização do primeiro ensaio	67
Figura 15 – Ensaios (II). Este foi o segundo ensaio	68
Figura 16 – Os últimos ajustes. Orientações sobre os ajustes finais	70
Figura 17 – Chegou o grande dia! Preparação do palco	71
Figura 18 – Apresentação da peça (I). A apresentação do cortiço	72
Figura 19 – Apresentação da peça (II). Os moradores descobrem que Pombinha é homoafetiva	72
Figura 20 – Apresentação da peça (III). Desfecho após intervenção do público	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O início de uma paixão	10
1.GÊNERO, TEATRO E LITERATURA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO DE ARTE	23
1.1 Gênero: por que silenciar?	23
1.2. Ensino de arte: uma realidade preocupante	30
1.3. Vamos jogar com o teatro?	41
2. GÊNERO, TEATRO E LITERATURA: DA TEORIA À PRÁTICA	47
2.1. A escola-campo-erem Frei Campo Mayor.....	47
2.2. Uma reflexão sobre os resultados.....	48
2.3. Mergulho nas minhas reflexões.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	90

INTRODUÇÃO

A abordagem de questões de gênero e sexualidade na escola é uma temática que pede atenção especial, uma vez que, mesmo sendo um tema transversal, acaba invisibilizado e silenciado no contexto escolar, atitude que colabora para a disseminação de preconceitos que estão enraizados na sociedade falocêntrica e patriarcal na qual vivemos. A escola, enquanto pilar basilar na formação de um cidadão, carrega a missão de conduzir seus educandos e educandas para uma formação na qual eles e elas se tornem indivíduos críticos, conhecedores dos seus direitos, mas sobretudo, dos seus deveres, e respeitadores das singularidades de cada um e cada uma, bem como seres que convivem amistosamente com as pluralidades que os constituem.

Entretanto, essa não é a realidade com a qual me deparei no cotidiano das comunidades escolares, visto que esse espaço tem se mostrado inóspito para os sujeitos LGBTQIAPNb+, tanto por parte de educandos e educandas com posicionamentos conservadores, quanto por parte até mesmo de educadores e educadoras com esses mesmos posicionamentos. Esse é o cenário da escola escolhida para essa pesquisa, ou seja, um ambiente no qual questões de gênero e sexualidades não têm espaço para serem debatidas na busca de um entendimento acerca do tema; não há interesse em construir um ambiente agregador das diferenças.

Nesse ambiente, os educandos e educandas, principalmente homoafetivos, sentem-se oprimidos, incompreendidos e invisibilizados. Assuntos sobre gênero e sexualidade, nesse espaço, são um tabu, e abordá-los é provocar um embate com os discentes, docentes e até funcionários conservadores. Nesse sentido, os sujeitos LGBTQIAPNb+, são os mais prejudicados, uma vez que não têm vez e nem voz.

Diante do exposto, chego à seguinte reflexão: é necessário desenvolver ações no ambiente escolar que coloquem no cerne de tais ações temas relevantes para a formação cidadã das educandas e educandos, especialmente no que tange ao tema gênero e sexualidade, uma vez que o posicionamento da maioria das pessoas, no tocante a essa temática, tem provocado violências, que causam diariamente a morte de sujeitos LGBTQIAPNb+. Na escola alvo dessa pesquisa, por exemplo, a falta de políticas de inclusão de gênero leva os educandos e educandas LGBTQIAPNb+, ao

distanciamento social, por medo das atitudes preconceituosas dos colegas e inclusive daqueles que deveriam respeitar e ensinar o respeito, como educadores e educadoras. Sendo assim, essa pesquisa é um divisor de águas em nossa comunidade escolar.

A temática gênero e sexualidade encontra, no ambiente escolar, obstáculos. Assim como as aulas de Arte, também encontram pedras no caminho, e uma dessas pedras consiste, principalmente, na desvalorização desse componente curricular. Um dos fatores que contribuem de forma contundente para isso é a escolha dos profissionais para ministrarem as aulas de Arte, visto que se tornou uma prática recorrente em inúmeras escolas públicas colocar educadores sem qualquer formação em Arte para lecionar as aulas de tal componente curricular. Talvez essa ocorrência corriqueira possa explicar a, ainda, presente falta de compreensão da comunidade escolar- discentes, docentes e funcionários- sobre a relevância das aulas do componente Arte na escola. É comum vermos professores de Matemática, Biologia, História, Física e várias outras disciplinas ministrando aulas de Arte. É importante salientar que não pretendo, nesse trabalho, realizar uma discussão mais aprofundada acerca dos profissionais que, sem formação, ministram as aulas de arte. No entanto, foi necessário mencionar tal situação, visto que essa realidade também vivida por mim, uma professora formada em Língua Portuguesa ministrando aulas de arte, conduziu-me a buscar formação na área.

O início de uma paixão

Reviver estas memórias é como entrar em uma máquina do tempo e revisitar um passado saudoso, embora permeado por muitas dificuldades, que contribuíram de forma significativa para meu amadurecimento, tanto pessoal quanto profissional. Começarei por um dos momentos mais importantes de minha vida, ou seja, quando aprendi a ler. Eu morava em um sítio localizado em uma pequena cidade do interior paraibano e me deslocava, juntamente com meus primos, todos os dias para outro sítio para estudarmos.

Meus pais eram semianalfabetos, no entanto sempre me incentivaram a estudar, pois essa seria a única forma de ter um futuro menos “sacrificado”, segundo

suas palavras. Quando aprendi a ler foi uma alegria gigante para eles. Lembro-me de que contavam aos nossos conhecidos com tanto orgulho que até parecia que eu acabara de me *formar doutora*, como dizem no interior. A escola na qual eu estudava dispunha de apenas alguns livros, mas suficientes para aguçar meu imaginário e todos os dias eu lia um pouco daqueles mesmos livros.

Há situações que marcam nossas vidas e ficam desenhadas no corpo como tatuagens. Esta que irei relatar é uma delas: no trajeto da minha casa à escola, todos os dias, eu via uma coruja na entrada de um buraco e até chegar à escola eu desenhava, na minha imaginação, a sua casa. Na minha cabeça, a casa tinha geladeira, móveis e o principal: uma TV. Nos dias atuais, consigo compreender que aquilo era uma projeção dos meus desejos, visto que meus pais eram pobres e em nossa residência não havia esses objetos. Esse momento tão significativo foi fonte de inspiração, posteriormente, para meu primeiro conto.

Os anos foram passando e concluí essa primeira etapa do ensino primário. A partir da quinta série, tínhamos que nos deslocar para estudar na cidade e só havia uma escola que oferecia esse ensino: a CNEC¹ (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade). Os dias que antecederam o início das aulas foram uma constante ansiedade para mim. O dia tão aguardado, enfim, chegou; mas, para minha frustração, não foi uma das melhores experiências da minha vida, pois me senti um peixe fora d'água, uma vez que fui colocada em uma turma com muitos alunos da cidade, que tratavam a nós, que morávamos no sítio, como pertencentes a uma classe inferior a deles.

Porém, com o passar do tempo, “me acostumei” a essa situação, porque meu desejo de ascender na vida era forte demais para ser barrado por esse tipo de preconceito. Logo na primeira semana de aula, conheci a biblioteca. Eu nem sabia que existia um espaço assim: foi amor à primeira vista. Todos os dias, na hora do intervalo, eu ia para lá. E os primeiros romances vieram. Recordo-me de quando levei para casa “A moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). Meus pais resolveram ir visitar minha tia e o único transporte que tínhamos era um carro de burro.

¹ A CNEC é a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, rede de educandários fundada pelo Prof. Felipe Tiago Gomes, em 1943, no Recife, e que se espalhou por todo o Nordeste. Essa escola fechou há alguns anos.

Entretanto, meu entusiasmo era tanto que, durante a viagem, eu lia sem parar aquela atraente narrativa, mesmo sentada no abençoado carro de burro.

Infelizmente, vivemos em uma sociedade seletista, na qual o valor dos indivíduos é dado de acordo com a classe social a qual pertencem. E com as profissões não seria diferente, visto que estas dizem muito do poder aquisitivo de quem as desempenha. Eu passei muito tempo da minha vida estudantil desejando cursar Medicina, uma vez que, dessa forma, eu teria uma profissão com reconhecimento e uma vida financeira confortável, na qual a televisão na minha casa sairia do plano da imaginação e seria uma realidade. Eu me dedicava muito aos estudos, porém sempre existiam as lacunas na minha aprendizagem. O primeiro vestibular que fiz foi para a UFPB (Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande, antes de se tornar UFCG (Universidade Federal da Paraíba). Na época, existia o PSS (Processo Seletivo Seriado). Minhas notas foram muito boas, para surpresa de todos aqueles que ainda duvidavam do meu potencial e desejo de vencer. Meus pais ficaram tão felizes porque, para eles, eu seria a primeira na família a se formar. No entanto, quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, engravidei. Para todos da minha família, com exceção dos meus pais, dali em diante minha vida se resumiria a cuidar da minha filha, da casa e do meu marido. Quando eu falava dos meus sonhos, muitos diziam: teu diploma está aí nos teus braços – mas isso só me fortalecia. Acredito que a vontade de contrariar todos que duvidavam de mim era mais impulsionadora do que até mesmo meus sonhos. Meu casamento não esteve nem perto dos romances que eu lia; pelo contrário, mais parecia o conto **O gato preto**, de Edgar Allan Poe (1809-1849). Um relacionamento repleto de violência, tanto física quanto psicológica.

Depois de cinco anos que havia concluído o ensino médio resolvi que faria vestibular novamente, porém não tinha mais o desejo de fazer medicina, pois durante esse período repensara muitas das verdades que eu tinha como absolutas, a exemplo de fazer um curso superior que me proporcionasse ascensão social. Descobri que o prazer pela profissão era mais importante. Foi então que escolhi o curso de Letras, visto que trabalharia diariamente com minha paixão: os livros. Eu teria a oportunidade de mostrar a outras pessoas o quão transformador podem ser os livros.

Vale ressaltar algumas situações decisivas para essa escolha. Por volta dos dez anos de idade, alfabetizei o marido da minha tia, que, no auge dos seus sessenta

anos, não sabia ler. Ele costumava dizer: “eu só conheço o O se tirar a roupa e sentar em uma *tuia* de areia”. Depois ele contava todo orgulhoso a todos que eu o tinha ensinado a ler. Já no Ensino Médio, eu ajudava meus colegas que tinham dificuldades, principalmente, com Literatura. Essas experiências foram determinantes para a minha escolha, já que percebi uma significativa afinidade com a docência.

Minha trajetória como estudante universitária foi marcada por muitos desafios, pois tive que me esforçar mais que meus colegas para preencher lacunas, na minha aprendizagem, deixadas durante o todo o meu percurso estudantil. Porém, sou uma pessoa que sente muito prazer em se superar. Na Universidade, cheguei a ser monitora como aluna de graduação em Letras Língua Portuguesa, na UEPB, na cidade de Campina Grande. Durante todo o curso, sempre tive a certeza de que faria meu Trabalho de Conclusão de Curso em Literatura, uma vez que o meu amor por esta arte só crescia.

Contudo, nem tudo foram flores, pois logo que ingressei na Universidade consegui uma vaga para ministrar aulas em uma Escola Estadual de Ensino Médio, na minha cidade. Esse primeiro encontro com uma sala de aula foi uma experiência desagradável, já que me deparei com discentes dispersos, sem perspectiva. Houve uma situação lastimável, na qual tive um sério atrito com um aluno por causa de uma série de comportamentos agressivos, inclusive, o uso uma faca para me agredir. Isso me desiludiu, mas ainda fiquei dois anos lecionando nessa escola.

Em 2011, fui selecionada para ministrar aulas de redação em um cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade para alunos de baixa renda. Essa oportunidade me trouxe outra visão acerca do universo de sala de aula, uma vez que eu ministrava aulas para discentes realmente interessados, que prestavam atenção ao que eu falava, interagiam. Isso ressuscitou dentro de mim o desejo de ser professora, já que ele havia adormecido depois da minha primeira experiência.

Em 2012, engravidei e passei um período afastada da docência. Meu retorno se deu em 2015, para a escola na qual começara minha trajetória como professora, a mesma que me causou uma certa aversão à sala de aula. No entanto como a vida é feita de desafios, resolvi aceitar mais esse que se desenhava na minha frente.

Nesse mesmo ano, desenvolvi um projeto chamado Oficina de Redação, que consistia em auxiliar no aprimoramento da escrita de alunos com dificuldades para

escrever. Como eu ministrava aula todas as tardes, desenvolver esse trabalho só seria viável se fosse à noite, uma vez que, pela manhã, a escola não tinha expediente, e, à tarde, não poderia tirar os alunos de outras aulas para participarem desse projeto. Duas noites por semana, eu me deslocava, em uma motocicleta, do sítio no qual eu morava, para ministrar essas aulas. Com o incentivo de uma amiga, inscrevi meu projeto em um concurso do Estado que selecionava as melhores práticas docentes desenvolvidas durante o ano letivo. Quando saiu o resultado, lá estava meu nome na lista dos contemplados com o prêmio. Fiquei muito feliz e grata pelo reconhecimento do meu trabalho.

Comecei o ano de 2016 toda eufórica para desenvolver um novo projeto, porém ainda não sabia com o que trabalhar. Depois de conversar com minhas novas turmas, decidi trabalhar com cordéis. Iniciei o processo de produção, levando exemplares de cordéis e lendo para os alunos. Posteriormente, apresentei-lhes as características do gênero. Houve uma votação e os estudantes escolheram como tema, contar a história da nossa cidade. Depois disso vieram, com o meu auxílio, as produções. Quando eles terminaram, fiz uma reunião com as turmas e propus mandar confeccionar os cordéis; cada aluno ficaria responsável pela venda de dez cordéis e o dinheiro apurado serviria para levá-los para um aguardado passeio a um balneário.

Porém, umas das minhas grandes realizações foi participar com um aluno como semifinalista das Olimpíadas de Língua Portuguesa, com o gênero crônica, com o tema “O mosquito que queria aprender a ler”. Essa foi uma das melhores experiências da minha vida. Outro projeto que não poderia deixar de mencionar foi a Rádio Tercetol, criada juntamente com alunos do terceiro ano, para animar os intervalos da nossa escola.

No ano de 2017, outro grande sonho se realizou em minha vida: depois de ter sido aprovada em um concurso para professor do Estado de Pernambuco, fui convocada para uma escola de nível técnico. Para minha surpresa, a gestora disse: “para completar sua carga horária, temos aulas de Artes”. No momento, fiquei insegura demais, porque pensei: como vou ministrar aulas de artes se não tenho qualquer formação na área? O que eu não sabia é que essa prática é corriqueira.

Durante esse período no qual estou ministrando aulas em Pernambuco, já vi professores de Matemática com aulas de Artes, bem como professores de Biologia,

de Química e assim por diante. Vejo essa situação até hoje como inaceitável. Acredito que essas práticas contribuem de forma significativa para a disseminação, entre docentes e discentes, da ideia de que a disciplina Artes é menos importante que as demais, não necessitando nem de um profissional habilitado na área para tal ensino. Outra ideia que se constrói na comunidade escolar é de que Artes não reprova, pois é só fazer um “trabalhinho” que ganha nota. Mas como culpar os estudantes, se o próprio sistema corrobora com essa visão, quando não contrata profissionais habilitados para ministrar essa disciplina?

Mesmo o ensino de Arte sendo obrigatório, em diversos níveis da educação básica, pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) ainda faltam políticas educacionais preocupadas com a formação adequada dos profissionais que ministram tais aulas. É necessário um olhar atencioso por parte das autoridades públicas para o modo e por quem são ministradas as aulas de Arte.

Não me recordo com precisão, no entanto, acredito que assumi por volta de cinco aulas semanais, e, depois de passado o susto, cheguei à seguinte reflexão: não sou formada em Artes, mas fui moldada pelos desafios que a vida me impôs e, dessa forma, aprendi a dar o meu melhor em tudo. Depois de conversar com meus novos alunos, fui descobrindo um pouco de suas preferências artísticas, para que minhas aulas de Artes não se tornassem um mero complemento de carga horária.

Começamos a estudar os conteúdos propostos para esse componente curricular e, para isso, eu estudava antes de apresentar para os alunos o conteúdo. No entanto, algo estava vazio dentro de mim. Baseada nas minhas conversas com meus alunos sobre suas preferências artísticas, resolvi juntar o útil ao agradável: com base nos textos literários que eu trazia nas aulas de literatura, fomos juntos construindo as nossas aulas de Artes. Primeiramente, montamos uma apresentação que consistia no seguinte: os alunos pegaram textos literários do Romantismo e montamos um musical com trechos desses textos. As apresentações aconteciam assim: as salas de aulas eram localizadas no primeiro andar e o refeitório, em frente às escadas que davam acesso às salas. Desse modo, os estudantes das minhas turmas de Artes desciam as escadas, no intervalo para as refeições, quando as demais turmas já estavam no refeitório cantando e recitando os textos, vestidos e maquiados a caráter.

O outro projeto de Artes também tomou como ponto de partida os textos literários, ou seja, escolhemos alguns contos, separei as turmas em equipes e montamos apresentações teatrais, que aconteciam todos dias, para todas as turmas, durante o período de uma semana, no auditório da escola. Minhas últimas aulas de Artes na ETE (Escola Técnica Estadual) foram em 2018, antes de sair de licença maternidade e, posteriormente, pedir transferência para Goiana-PE.

Para esse último momento, resolvi trabalhar com outras formas de fazer Arte. Primeiramente, levei todos os meus alunos para o auditório da escola, para assistirem ao filme sobre a vida de Frida Kahlo. Em seguida, estudamos um pouco acerca da Arte dessa artista. Infelizmente, não tenho conhecimento acerca de técnicas de pintura em telas, entretanto atrevi-me a propor aos meus discentes a pintura do retrato de Frida e os trabalhos foram surpreendentes. Algumas telas ficaram expostas na escola e outras os donos delas me deram e estão na sala de minha casa.

Atualmente, estou lecionando na EREM(Escola de Referência em Ensino Médio) Frei Campo Mayor, no distrito de Ponta de Pedras, em Goiana-PE. A escola se configura como a escola-campo desta pesquisa e será melhor contextualizada adiante, mais precisamente, no segundo capítulo. Fui contemplada com aulas de Artes, mais uma vez. Porém desta vez o cenário era outro, até então inimaginável: o ensino remoto. Na minha cabeça, mais uma vez surgia o questionamento: o que fazer para tornar as minhas aulas de Artes mais estimulantes para os discentes, em uma realidade tão complicada como a que estávamos vivendo?

Diante disso, parti para o envio de aulas sobre os mais variados aspectos da Arte, e, em especial, os fundamentos da Dança, pois minha intenção era desenvolver um trabalho voltado para esse campo. Isso porque, desde que cheguei, notei que os alunos tinham paixão pela Dança, dentro do que eles conheciam e gostavam. Parti dessa desenvolvura para propor produções de vídeos, nos quais eles se apresentariam dançando o estilo de sua preferência. Foi uma enxurrada de vídeos dos alunos dançando passinho, brega, *funk* etc. Entretanto, havia aqueles alunos evangélicos, que não se sentiam confortáveis com essa apresentação, e escolheram apresentações cantando; outros mandaram desenhos. Foi muito gratificante, pois meu intuito era desenvolver um projeto com dança e ganhei um show de apresentações também de música e de desenho. Houve também aqueles que nada fizeram, mas isso não ofuscou o resultado do meu trabalho.

Diante do exposto, vejo-me na situação de uma professora formada em Letras, que leciona, no ambiente de ensino formal, a disciplina Arte. Apesar da experiência desses anos e do processo autodidático, ou seja, por estudo e esforço pessoal, ainda me sinto insegura: cada conteúdo é sempre um desafio, pois não conheço e nunca vivenciei a maior parte das técnicas e metodologias do ensino de Arte.

Foi buscando preparação adequada para ministrar as aulas de Arte que ingressei no Mestrado Profissional em Arte, que tem representado em minha vida um significativo crescimento, tanto profissional quanto pessoal. Foi a partir do PROFARTES/ UFPB que pude proporcionar para meus educandos e educandas uma verdadeira experiência artística.

O primeiro semestre cursado trouxe significativos ganhos intelectuais, uma vez que ampliaram meus horizontes profissionais. Foi nesse semestre que fui apresentada aos escritores e obras que fundamentariam minha pesquisa, pois sou formada em Letras, mas ministro aulas de Arte e dessa forma senti a necessidade de uma formação na área. Sendo assim, busquei o Mestrado em Arte. Em suma, hoje, sou uma profissional bem melhor.

No segundo semestre cursei disciplinas que assim como as demais contribuíram de forma significativa para meu aprimoramento enquanto profissional, mas houve uma em especial que teve uma parcela mais relevante para a minha pesquisa, visto que me permitiu conhecer mais sobre a relação Arte/Educação. Essa disciplina foi: fundamentos teóricos da Arte na educação e vale salientar, que mesmo sendo EAD ela me ajudou muito. Vale destacar a excelente experiência vivenciada nas aulas da disciplina Performance e Performatividade em cena Contemporânea, uma vez que fui convidada a sair da teoria e partir para a prática, o que trouxe um misto de insegurança por realizar uma apresentação tanto para o professor quanto para os colegas, mas também satisfação por obter êxito na apresentação mesmo com os medos presentes. É indiscutível o papel importante que cada disciplina teve na minha formação. Vale salientar ainda, minha participação no grupo de estudos de gênero ARCOPODER- Artes do Corpo, Políticas e Poderes que contribuiu imensuravelmente para a minha pesquisa que tem como um dos temas a questão de gênero. Os encontros que aconteciam de forma remota sempre apresentavam obras que abordavam as questões de gênero e sexualidade e as discussões desenvolvidas

pelos participantes do grupo sempre ampliavam minha visão acerca do tema em pauta. Nesse semestre, também tive a oportunidade de participar como monitora e comunicadora oral do evento realizado na UFPB- XI Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas e II Colóquio de Artes nas Escolas:-“Olhares para a pesquisa e o ensino nas artes”. Vale destacar, que no decorrer desse período avancei a minha pesquisa bibliográfica e foi nesse momento que começou a definição de quais teóricos iriam embasar minha pesquisa. Todas essas atividades ocorreram em paralelo com os encontros com meu orientador e coorientador que aconteciam de forma remota e tinham como objetivo, principal, o direcionamento da minha pesquisa.

O terceiro semestre foi um dos momentos mais complexos da pesquisa, visto que, mais do que nunca, debruçei-me na escrita da dissertação, o que é uma árdua tarefa, e que me fez a todo momento refletir sobre todo o processo desde a entrada no Mestrado até o início da pesquisa em campo. A revisão bibliográfica foi mais intensa, já que iniciei a redação da dissertação, bem como continuei com a coleta dos dados que consistiam na ministração das aulas embasadas no arcabouço teórico que norteou minha pesquisa. Foram momentos intensos da teoria à prática, com mudanças de decisões mediante os obstáculos que surgiam. Durante o processo fiz registros por meio de fotos, vídeos e diário de campo. Contudo, os vídeos e nem todas as fotos podem ser expostos, uma vez que os educandos e educandas são menores de 18 anos e o conselho de ética da UFPB orienta a não expor as imagens com identificação desse público. Vale salientar que essa pesquisa foi submetida à autorização do conselho de ética da Universidade Federal da Paraíba. O passo seguinte foi a organização de todos os dados obtidos para a escrita da dissertação, visto que se aproximava o momento da Qualificação. A Qualificação me deixou muito apreensiva, pois seria mais uma etapa decisiva nesse percurso. Apesar do medo que me afligia, essa foi uma experiência muito importante para meu trabalho, uma vez que trouxe contribuições de extrema relevância. Em suma foi um semestre muito produtivo.

Baseada nas minhas experiências aqui relatadas, encontro-me, agora, como pesquisadora em Arte, tendo desenvolvido uma pesquisa que conectou minha experiência de docente em Literatura e Teatro com a vontade de intervir pedagogicamente na escola, visando o combate ao preconceito com os sujeitos

LGBTQIAPNb+, a partir de reflexão no trato transversal de questões de gênero e sexualidade.

Toda pesquisa tem início a partir de uma inquietação do pesquisador, isto é, uma pergunta. Portanto, neste momento, apresento a questão que guiou minha pesquisa: É possível realizar uma intervenção pedagógica, a partir da prática do Teatro Fórum, tomando como tema questões de gênero e sexualidades, para, dessa forma, ajudar os educandos e educandas a lidarem com conflitos – preconceitos - acerca dessa temática na escola?

No intento de responder a essa questão, a pesquisa teve, como objetivo, discutir sobre o desenvolvimento de um processo pedagógico e artístico que articula a linguagem artística do teatro e da literatura, de forma interdisciplinar, para o trato transversal de questões de gênero, como intervenção pedagógica. Para realizar essa tarefa, teve-se como objetivos específicos: relacionar o teatro do oprimido de Boal, em especial o Teatro Fórum, com a prática de jogos teatrais de Spolin, nas aulas de Artes, como possibilidade lúdica de tratar questões de gênero, na perspectiva do oprimido; contextualizar a escola-campo para a compreensão da necessidade do trato das questões de gênero e sexualidade, principalmente, sobre os sujeitos LGBTQIAPNb+ e os conflitos escolares advindos dessa questão, considerando uma intervenção pedagógica como experiência; relatar a experiência das aulas de Artes transversalizadas com o tema gênero, considerando-a como intervenção pedagógica na escola-campo; refletir sobre a práxis docente a partir da experiência da intervenção pedagógica.

Metodologicamente, a partir de uma prática fundamentada em uma intervenção pedagógica, a pesquisa visou despertar nos educandos e educandas uma visão crítica acerca dos discursos LGBTfóbicos proliferados nos ambientes escolares. Nessa perspectiva, proponho que um trabalho com o Teatro Fórum abordando a temática de gênero pode desenvolver um posicionamento de combate ao preconceito dentro da nossa escola. Desse modo, parti do conhecimento de obras literárias que abordam a temática de gênero e sexualidade e do conhecimento de teatro, para a construção de uma prática que articulou esses saberes em diálogo com o tema em pauta. Para tanto, usei a metodologia do Teatro do Oprimido de Boal e, por meio dos jogos teatrais de Viola Spolin, desenvolvi nas aulas de Artes junto com as educandas e os educandos, técnicas teatrais que os preparassem para uma apresentação teatral, juntamente com

uma adaptação livre da obra *O cortiço* de (1890). Para a escrita da pesquisa, optei pelo uso da primeira pessoa do singular, visto que é a forma que encontrei de me posicionar de forma política-pedagógica, pois preciso me colocar como sujeito-pesquisadora. Ainda, dividi o documento em duas seções principais, sendo a primeira para tratar das referências teóricas que embasam meu argumento. Já a segunda parte é dedicada ao tratamento do relato da experiência da intervenção pedagógica e a reflexão da minha práxis.

No primeiro capítulo, intitulado “Gênero, Teatro e Literatura: um diálogo interdisciplinar no ensino de arte”, para atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa, relaciono o teatro do oprimido de Boal, em especial o Teatro Fórum, com a prática de jogos teatrais de Spolin, nas aulas de Arte, como possibilidade de tratar questões de gênero e sexualidade na perspectiva do Oprimido.

Sendo assim, divido o argumento do primeiro capítulo em três seções, sejam: “Gênero: por que silenciar?”, “Ensino de arte: uma realidade preocupante” e “Vamos jogar com o teatro?”. Na primeira sessão, desenvolvi uma breve discussão acerca das questões de gênero no ambiente escolar e como essa pauta é invisibilizada e silenciada nesse contexto. Na segunda, desenvolvi uma reflexão sobre a realidade do ensino de Arte na maioria das escolas públicas e, de que forma documentos oficiais como os PCN(Parâmetros Curriculares Nacionais) e a BNCC(Base Nacional Comum Curricular) preveem esse ensino; para tanto, usei autores que dialogam com a temática, a exemplo de Sueli (2012), Tourinho (2012), Neves e Santiago (2010). Na terceira, refleti acerca do Teatro, em especial o Teatro Fórum de Augusto Boal; nesse sentido, construí um diálogo interdisciplinar com a Literatura, que me ajudou no desenvolvimento desta pesquisa; também discorri sobre a importância dos jogos teatrais para o êxito alcançado neste projeto.

Portanto, o primeiro capítulo consiste em uma reflexão acerca destes itens no contexto escolar, uma vez que é sobre essa tríade que exponho a abordagem que faço do tema da pesquisa. A interdisciplinaridade que permeia o teatro como protagonista, a literatura como conteúdo e o gênero e sexualidade como discussão, justifica o argumento aqui proposto. No subtópico- “gênero: por que silenciar?” eu faço uma abordagem teórica acerca do tema, trazendo alguns teóricos com os quais dialoguei durante a minha pesquisa, já no subtópico- “Ensino de Arte: uma realidade preocupante” tento construir uma breve discussão sobre algumas problemáticas que

permeiam o ensino de Arte. Mas sempre dialogando com as teorias que embasam minha pesquisa. No que tange ao último subtópico, lancei meu olhar para o teatro do oprimido que é um dos pilares da minha pesquisa. Essas discussões foram extremamente relevantes para meu trabalho, porém gostaria de poder aprofundá-las posteriormente em uma pesquisa de Doutorado, visto que sinto que, o que desenvolvi nesse capítulo cumpriu com o objetivo do meu trabalho. No entanto, vejo que essas pautas merecem mais estudos que, infelizmente, não é possível aprofundar agora.

No segundo capítulo descrevo os resultados alcançados, bem como reflito acerca da relação entre os resultados e a temática proposta. Nesse sentido, analiso também aspectos positivos e negativos, da prática pedagógica desenvolvida. Foram realizados 12 encontros, cada um composto por duas aulas de cinquenta minutos, nos quais tentei articular a parte teórica, bem com a prática de forma a alcançar o melhor resultado possível. Planejei os encontros de forma que fosse apresentada e discutida a teoria e no encontro seguinte executássemos o que tinham estudado por meio dos jogos teatrais. Nesse capítulo, ainda, descrevo como foi a dinâmica de cada encontro e os resultados obtidos. Para cada encontro apresento um plano de aula, como também, o relato da experiência com reflexão baseada na teoria que embasou cada prática.

Em suma, pude perceber que a minha hipótese se confirmou, ou seja, realizar uma intervenção pedagógica, a partir da prática do Teatro Fórum, tomando como tema questões de gênero e sexualidades, ajudou os educandos e educandas a lidarem com conflitos – preconceitos - acerca dessa temática na escola. Desse modo, essa pesquisa foi crucial para meu crescimento em pontos cernes da minha vida, isto é, pessoal, uma vez que ampliou meu olhar enquanto ser humano acerca dos temas abordados, bem como me tornou mais forte e mais resistente para lutar pelas ideias que eu acredito. No aspecto profissional teve uma contribuição ímpar, visto que agora me sinto capaz de ministrar aulas de Arte sem aquela inquietação que tanto me afligia, ou seja, ministrar aulas desse componente sem nenhuma formação na área. Vale salientar que esse trabalho traz importantes contribuições para a comunidade acadêmica quanto para a docente, visto que há uma necessidade significativa de se discutir essas temáticas nesses âmbitos, mas, infelizmente, ainda é insuficiente a produção acadêmica nesse viés. Sendo assim, minha pesquisa será mais um degrau galgado em busca de olhares para questões tão relevantes para nossa construção

social. Ainda é importante destacar que essa pesquisa foi desenvolvida de forma que possa ser aplicada em, praticamente, todas as realidades escolares. Dessa forma, torna-se de significativa importância para quaisquer profissionais que busquem práticas dessa natureza.

A partir dessa pesquisa pretendo aprimorar, ainda, mais minha prática enquanto professora de Português/Arte e contribuir com as práticas de outros profissionais que assim como eu, se preocupam em levar sempre o melhor para seus educandos e educandas, bem como pretendo estender minha pesquisa para o Doutorado para que dessa forma eu possa ampliar e aprofundar as discussões que iniciei no Mestrado.

1. GÊNERO, TEATRO E LITERATURA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO DE ARTE

Este capítulo consiste em uma reflexão acerca destes itens no contexto escolar, uma vez que é sobre essa tríade que exponho a abordagem que faço do tema da pesquisa. A interdisciplinaridade que permeia o teatro como protagonista, a literatura como conteúdo e o gênero como discussão, justifica o diálogo aqui proposto. Para tanto, recorri a vários autores que também discutem as temáticas em pauta. No capítulo a seguir construirei uma discussão, acerca dos temas, embasada nos teóricos que fundamentaram minha pesquisa.

1.1 Gênero: por que silenciar?

A escola deveria ser um lugar acolhedor, no qual as minorias encontrassem um espaço de visibilidade e voz, porém essa não é a realidade revelada na maioria das escolas brasileiras. Desde que cheguei à escola alvo dessa pesquisa, em 2019, notei algumas situações que me inquietaram. A primeira é a questão que me levou a buscar o Mestrado em Arte, ou seja, a corriqueira situação na qual se encontra a maioria das escolas públicas: colocar professores sem qualquer formação na área para ministrarem as aulas de Arte. O segundo aspecto que me causa preocupação é como a questão de gênero e sexualidades é abordada, ou melhor, como ela não é abordada nessa escola.

O que notei, desde a minha chegada na escola campo dessa pesquisa, ou seja, a EREM Frei Campo Mayor, apresentada em outros momentos deste trabalho, foi um conjunto de atitudes negativas no tocante à questão de gênero e sexualidades, o que gera nos indivíduos homoafetivos uma sensação de inferioridade. Desse modo, eu sentia uma urgente necessidade de desenvolver, na escola, uma ação de enfrentamento e desconstrução de visões reducionistas, patriarcais e homofóbicas, que permeavam aquela instituição de ensino, de forma camuflada.

A homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres. Segundo parece, o termo foi utilizado pela primeira vez nos EUA, em 1971; no entanto, ele apareceu nos dicionários de língua francesa somente no final da década de 1990: para Le Nouveau Petit Robert, “homofóbico” é aquele que experimenta aversão pelos homossexuais; por sua vez, em Le Petit Larousse, a “homofobia” é a rejeição da homossexualidade, a hostilidade sistemática contra os homossexuais. Mesmo que seu componente

primordial seja, efetivamente, a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a gays e lésbicas. (Borrilo, 2010, p.13)

Uma das situações mais tristes e hostis que presenciei foi o cancelamento de uma apresentação que abordaria a temática homoafetiva para um colegiado de diretores, usando a alegação, por parte do vice diretor, de que nossa apresentação seria uma afronta aos seus convidados. Essa apresentação ocorreria no mês de abril de 2023. Meus educandos e eu nos sentimos humilhados, principalmente, porque três deles são homoafetivos.

Entretanto, essa não foi uma situação isolada, uma vez que já presenciei muitas outras, nas quais foram proferidos discursos preconceituosos, ofensivos, e que demonstram menosprezo pelos homoafetivos. E quando esse discurso vem em forma de doutrinação religiosa torna-se ainda mais perigoso, pois ele pode vir até renovado, mas permanece atrelado à mesma ideologia que considera a homoafetividade *um pecado mortal*. Foi dentro desse campo semântico que ouvi sair da boca de uma colega de trabalho – que se declara protestante – as seguintes palavras: “o gay vai para o inferno”, mostrando, dessa forma, sua visão reduzida e incapaz de aceitar a validade e plenitude de toda forma de amar.

O combate à homofobia exige ações pedagógicas efetivas, visto que essa atitude fere um direito constitucional, bem como uma premissa bíblica que consiste no livre arbítrio. Vale considerar ainda que, de acordo com a Constituição de 1988, o Estado Brasileiro é laico e, ao mesmo tempo, é garantido o direito à liberdade de culto. Nesse sentido, o Estado e as instituições públicas de ensino não podem interferir no direito de ir e vir dos sujeitos, nem reprimir suas subjetividades no âmbito educativo, a partir de um argumento de culto religioso.

Segundo Lins, Machado e Escoura (2016, p.13)

A luta de movimentos sociais que demandam reconhecimento e de sujeitos que se sentem inviabilizados é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Consideramos que toda a comunidade deve estar atenta para a forma como as pessoas desejam ser interpeladas, chamadas, isto é, como devemos nos referir a elas. (Lins; Machado; Escoura, 2016, p.13)

A aceitação da própria homoafetividade já é um processo difícil para a maioria dos gays e lésbicas, o que os conduz, muitas vezes, a um isolamento social, mas isso é agravado quando os espaços nos quais estão inseridos, a exemplo da escola,

invisibilizam essa questão, contribuindo, dessa forma, para tantos casos de suicídio. De acordo com o dossiê “Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras”, de 2022, realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, pela 14ª vez consecutiva. A falta de políticas de afirmação dentro das instituições educacionais, ou seja, ações que diminuam as desigualdades sociais históricas, contribui para o aumento de estatísticas como essas, uma vez que, quando a escola não promove ações que favoreçam o entendimento acerca da diversidade de gênero e sexualidade, continuamos a perpetuar uma sociedade heteronormativa, que mata os LGBTQIAPN+. Sendo assim, tornamo-nos reféns de pensamentos conservadores e de uma cultura machista e LGBTfóbica, que nos faz experimentar o amargo sabor da violência de gênero.

É por isso que a escola tem um papel crucial na transformação da nossa realidade, para a construção de um contexto social que incorpore a diversidade como parte dele, promovendo a sua valorização e respeito a ela. A formação escolar de sujeitos e cidadãos deve incorporar o desafio de estabelecer bases inclusivas que garantam não apenas a convivência entre os diversos, mas o reconhecimento deles como iguais em direitos, sem que eles precisem para tanto de descaracterizar como diferentes entre si. (Finco, 2017, p. 40)

Qualquer conduta que promova de alguma forma a discriminação de gênero deve ser combatida, contudo é imprescindível que, no cerne da formação escolar, esteja a promoção do respeito às diferenças de gênero – o que não vejo no PPP da escola EREM Frei Campo Mayor, em que trabalho. Dentre tantos aspectos preocupantes, nesse tocante, um tem me chamado atenção de forma especial: a propagação de visões estereotipadas com relação a gays e lésbicas, que vejo frequentemente no meu ambiente de trabalho. Sempre escuto pelos corredores comentários do tipo “ele é muito molinho”, “ele é um *viado*, porque anda feito menina”, “olha a machona”. Esses estereótipos são herança de um discurso patriarcal, heteronormativo, que predetermina como deve ser o comportamento de meninos e meninas desde seu nascimento. Comentários assim contribuem para o aumento de conflitos interiores por parte de quem os ouve.

Os atributos outorgados por uma maioria heterossexual dominante a uma minoria dominada produzem uma consciência e uma identidade autoestereotipadas. Efetivamente, um número importante de homossexuais integra – na maior parte das vezes, inconscientemente – as características e as atitudes predeterminadas pelo discurso

heterossexista; ou, dito por outras palavras, a maneira como os/as homossexuais são “rotulados/as” pelo olhar dos dominantes modela a maneira como os gays e as lésbicas se percebem a si mesmos/as. (Borrilo,2010, p.41)

Embora pouco discutido pelo corpo de profissionais que compõem os sistemas educacionais, a disseminação desses discursos estereotipados que se reproduzem dentro das escolas, inclusive por muitos educadores, também colabora para o baixo rendimento escolar de muitos homoafetivos, bem como para a evasão escolar desses indivíduos, uma vez que a escola se torna um ambiente inóspito para eles e elas. E quando isso acontece, novamente lhes são atribuídos rótulos, ou seja, são vistos/as como transgressores/as, problemáticos/as e desinteressados/as. Apesar da relevante quantidade de estudos desenvolvidos sobre a temática, a questão do trato das questões de gênero e sexualidade nas escolas ainda é ineficiente ou dificultada por discursos ideológicos em geral, com pretextos supostamente religiosos e morais.

O discurso sobre o gênero e sexualidades

(...) está presente cotidianamente na escola, porque se refere às nossas relações sociais, como somos criados, educados e como educamos. Dessa forma, ao debater na escola como socialmente são construídas as feminilidades e masculinidades, está-se procurando a reflexão sobre a nossa própria sociedade e sua organização. Será que essa estrutura atual é capaz de garantir uma sociedade na qual os direitos são assegurados para todas e todos? Será que se está formando pessoas para respeitarem homens e mulheres independentemente de suas orientações sexuais do desejo e identidade de gênero, ou para manterem a discriminação e opressão? (Finco, 2017, p. 98)

Ao contrário do que pregam os discursos conservadores, a temática ou discussão sobre de gênero e sexualidade deve estar presente nas escolas para assim evitar a exclusão e a continuação dos discursos de ódio e opressão que vitimam os sujeitos LGBTQIAPNb+, que são colocados em situação de desigualdade com relação aos cisheterossexuais. No entanto, a mudança deve começar pelo despertar de um projeto pedagógico que priorize essas questões emergenciais, e que mostre às educandas e aos educandos que não existe uma hierarquia da sexualidade, para não constituirmos, dessa forma, um *apartheid* de sujeitos a partir das suas identidades de gênero e suas orientações sexuais.

Nessa batalha por respeito e visibilidade, já ocorreram algumas conquistas a exemplo do projeto de lei nº 672/2019, que altera a lei 7716/1989, e que prevê “punição, na forma da lei, aos crimes resultantes de preconceito em razão da

identidade de gênero e/ou orientação sexual”. Esse dispositivo legal tenta coibir ações discriminatórias, mas, na maioria dos contextos escolares, essa lei nem é mencionada. Mesmo havendo esse suporte jurídico, os educandos e as educandas continuam sofrendo numerosas discriminações.

A violência e a discriminação em relação a homossexuais ocorrem, frequentemente, diante da maior indiferença da população. Com certa regularidade, ficamos sabendo que numerosos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais vivem com temor de serem agredidos simplesmente por causa de sua orientação sexual. Em relatório terrificante, a Amnesty International (1998) denuncia os assassinatos, as execuções legais, as torturas, os estupros, as terapias forçadas, os despedimentos abusivos e os insultos de que homossexuais continuam sendo vítimas. (Borrilo, 2010, p.107).

Quando vejo esses relatórios penso ser uma realidade bem distante. No entanto, nós, educadoras e educadores, que estamos presentes no cotidiano das escolas, sabemos que essa é uma triste realidade, enfrentada pela maioria dos educandos e educandas homoafetivos. Os tratamentos desiguais dados a eles ferem a legitimidade do seu direito de exercerem sua sexualidade com liberdade. E quando pensamos que não pode ser pior, nos enganamos, pois existem aqueles com discursos homofóbicos, que, para se eximirem de sua culpa, responsabilizam o homoafetivo. Para ilustrar isso, quero trazer a fala de uma colega de trabalho, da qual ouvi, em determinada situação: “esse menino sofre essas violências verbais na escola porque não anda feito homem, parece até que vai se desmanchar de tão molinho”. A partir desse discurso, fica expressa diretamente a tentativa de culpar o menino por um sentimento de ódio, ou suposto “desvio” de um comportamento normativo.

Não respeitar o direito às diversidades é ir contra a construção de uma sociedade democrática e justa. Se não aceitamos a diversidade de gênero sexual, negamos a nós mesmos, uma vez que o próprio ser humano se constitui nas diferenças. Então, por que tentar invisibilizar, silenciar ou negar os diferentes? Por que os diferentes são utilizados como parâmetros para segregar? Nós não nascemos preconceituosos e intolerantes, mas nos tornamos, devido às ideologias a que somos expostos ao longo de nossa formação. A primeira e mais importante instituição à qual somos apresentados é a família; depois, a escola. Portanto, dois pilares basilares para a formação de um cidadão. Desse modo, se nesses espaços não nos orientam acerca do respeito à pluralidade que nos constitui, enquanto seres humanos, estamos

fadados a usurpar a possibilidade e o direito de sujeitos LGBTQIAPNb viverem de forma digna.

Boa parte de nossa sociedade está, o tempo todo, mostrando para as pessoas “diferentes” que elas são indesejadas ou que não há lugar para elas em nosso mundo. Se acreditamos que uma escola inclusiva é aquela em que são dadas oportunidades iguais para os mais diversos estudantes e que a educação é um direito que possibilita acesso a outros direitos, como evitar os processos de exclusão escolar? O que a escola pode fazer para garantir o direito à educação para todas e todos? (Lins,2016, p. 52)

Tornar visível e normalizar a existência de sujeitos LGBTQIAPNb no âmbito escolar é o primeiro passo para que a inclusão ocorra e a LGBTfobia diminua. A desconstrução de ideias preconceituosas começa com o debate, e, nesse sentido, a escola, enquanto uma das instituições mais presentes na formação do indivíduo, tem um papel fundamental no processo de desmistificação, por parte da sociedade conservadora, com relação aos sujeitos LGBTQIAPNb+ e à homoafetividade, uma vez que gênero e sexualidade fazem parte da composição de quaisquer indivíduos. É necessário mexer nas estruturas do ensino como ele se apresenta nos dias atuais para contribuir de forma eficaz para a construção de uma sociedade que aceite as diversidades como parte de um conjunto que a constitui.

Uma educação cidadã deve estar baseada na promoção da igualdade de direitos e no reconhecimento e valorização de diversidade. Isso exige que superemos um modelo de educação pensado como um processo de produção de homogeneidades padronizadas e normalizadas. A igualdade de direitos que fundamenta a noção de cidadania, como já dito, não pressupõe a ausência de diversidades. (Finco,2017, p. 41)

Dessa forma, o silenciamento com o qual é tratado esse tema, na maioria das escolas, é um estímulo para a continuação das desigualdades e violências de gênero. É imprescindível que educadores e educadoras tenham um olhar atento para essas situações, a fim de que se promovam ações de valorização e respeito às pluralidades, e esse tema transversal seja abordado de forma interdisciplinar.

Vale salientar que documentos oficiais como os PCN preveem a abordagem dessa temática em contexto escolar, mas é imprescindível verificarmos como está prevista essa abordagem, ou seja, compreendermos a amplitude ou incompletude

desse documento. Será que, a partir do proposto, é possível desconstruir as dicotomias construídas em torno da polarização masculino / feminino?

A escola, ao definir o trabalho com Orientação Sexual como uma de suas competências, o incluirá no seu projeto educativo. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Orientação Sexual e sua clara explicitação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho. (PCN,1998, p. 90)

A proposta desse documento oficial é clara. Entretanto, não é seguida pela maioria das escolas públicas, uma vez que o que vemos diariamente é o silenciamento dessa temática, inclusive no Projeto Político Pedagógico não há abertura para esse debate, pelo menos não nas escolas nas quais lecionei desde o início da minha carreira como educadora. É uma árdua tarefa tentar trabalhar, em ambientes ainda predominantemente tradicionais, a ideia das diferentes maneiras de constituir a masculinidade e feminilidade. Enquanto educadoras e educadores temos que desenvolver ações de fortalecimento das diferenças da sexualidade, para não vermos – como vejo – educandos e educandas deixando de ir ao refeitório da escola por medo das violências, principalmente verbais, que sofrem por conta de sua sexualidade.

No que tange ao conteúdo didático que deve abordar a temática de gênero, há também um retrocesso, visto que não vemos em qualquer componente curricular a inserção do tema em pauta, ou pior é que, quando há, é numa perspectiva biológica e sem aprofundamento da questão. Desse modo,

não é mais possível compreender as diferenças de gênero com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna. O gênero enquanto uma categoria analítica que supõe a conexão da história com a prática presente e dá sentido à organização e à percepção desse conhecimento socialmente construído passa a ser compreendido [...]. (Finco,2017, p. 57),

Restringir o gênero e a sexualidade a uma instância biológica é negar que a identidade de gênero e a orientação sexual se fundamenta em uma questão de identificação cultural. Essa visão, apenas biológica, cria uma barreira que fortalece a

LGBTfobia e deixa ainda mais vulneráveis os sujeitos LGBTQIAPNb+ dentro das escolas e fora delas, uma vez que, enquanto educadores e educadoras, estamos formando cidadãos para o mundo além dos muros da escola. A identidade de gênero e a orientação sexual é construída e não imposta pelo sexo biológico como algo inato ou essencial.

É imprescindível fazer uma ponte entre as pautas que fundamentam essa pesquisa, ou seja, qual o vínculo entre elas. Desde que iniciei esse meu percurso teórico, apontei dois aspectos que me inquietaram, enquanto educadora; o primeiro foi como a questão de gênero e sexualidade é abordada na escola, e o segundo é de que forma é realizado o ensino de Arte na maioria das escolas públicas brasileiras, pois foi isso que me levou a um Mestrado em Arte, uma vez que foram atribuídas aulas de arte para mim, sem que eu tivesse formação na área. Assim, busquei aprimoramento para poder enfrentar essa empreitada.

Já discorri acerca dos problemas no tratamento com questões de gênero e sexualidade na escola e a partir desse momento os convido, meus amigos leitores, para um breve percurso pela situação do ensino de Arte na maioria das escolas públicas, principalmente na escola-campo dessa pesquisa.

1.2. Ensino de Arte: uma realidade preocupante

É mister iniciar minhas considerações colocando no cerne da pauta uma situação corriqueira em quase todas as escolas públicas, mas que pouco é abordada nas comunidades acadêmicas e sobretudo pelos órgãos educacionais competentes, isto é, que profissionais estão ministrando as aulas de Artes? A resposta parece óbvia e deveria ser, ou seja, arte-educadores. Entretanto, essa resposta, aparentemente óbvia, não condiz com a realidade, facilmente constatável na maioria das escolas brasileiras, uma prática que já é vista como “normal”: incumbir professores sem formação em Arte para ministrarem tais aulas. Essas ações contribuem de forma contundente para um pensamento que vem criando raízes cada vez mais profundas entre educandos, bem como entre educadores, de que Arte é um componente curricular de menor importância.

Essa realidade ficou mais explícita para mim quando me foram impostas as aulas de Artes. A priori, fui tomada por uma grande insegurança, haja vista que não tinha formação alguma na área, para atender àquela demanda. Em contrapartida, decidi recorrer aos meus conhecimentos em Literatura para começar a percorrer esse caminho totalmente novo para mim. A matéria da qual são feitos os vencedores é justamente o modo como eles vão respondendo aos desafios que a vida lhes impõe. Desse modo, a possibilidade de vivenciar aquela experiência começou a me seduzir. Entretanto devo confessar que se juntou à insegurança do primeiro momento uma profunda preocupação em buscar a maior quantidade de informações necessárias para dar início às aulas. Contudo,

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação, cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber da experiência é que é necessário separá-lo do saber das coisas. (Bondia,2002, p.22)

Sendo assim, mesmo naquele momento não me sentindo preparada teoricamente, entendi que minha experiência em sala de aula iria me dar um norte, bem como aquela possibilidade de uma nova experiência que acabara de se desenhar para mim, iria me fazer crescer como profissional e como pessoa. É imprescindível reafirmar que separar formação do educador das aulas por ele ministradas é iniciar uma caminhada para o fracasso escolar, ou seja, como o educador vai transmitir um conhecimento que ele não tem? É importante conhecer a relevância do que se faz em sala de aula para a formação, não apenas, intelectual, mas principalmente para uma formação cidadã.

A adoção de um modelo de ensino – seja ela consciente ou não – decorre das diferentes concepções sobre arte, educação, desenvolvimento humano etc. construídas ao longo da vida: os modelos de ensino reproduzem a visão de mundo dos professores que as adotam. (Ferreira,2012, p. 33)

É indiscutível a importância de uma formação adequada, para que o educador proporcione ao educando uma vivência significativa nas aulas de Artes, do contrário essas aulas serão sempre repetições de outras práticas que conduzem toda a comunidade escolar à visão de que o componente curricular Arte é menos importante que os demais e que serve apenas para aquisição de notas, para que o educando seja aprovado, no final do ano letivo.

O componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BNCC,2017, p.2)

Na maioria dos sistemas de ensino público brasileiro, o que se verifica são aulas que divergem da proposta da BNCC, uma vez que a maioria dos educadores não têm formação na área, e há aqueles que, mesmo com formação, adotam uma prática tradicional e elitista, o que torna as aulas pouco atrativas para educandos, que vêm de culturas bem distintas daquelas apresentadas como sendo as supremas.

O ensino de Arte deve estar pautado na valorização da pluralidade cultural, bem como deve propiciar ao educando a possibilidade de vivenciar, experimentar e refletir acerca da experiência vivida nas aulas e como tudo isso contribui para sua formação cidadã, sem a pressão de ter que realizar uma atividade somente para obtenção de nota. As aulas de Arte podem ser, quando bem conduzidas, um livro em branco, entregue ao educando, para que ele se torne um produtor daquela história, que será contada a partir da experiência na qual cada nova aula é um novo capítulo a ser construído. Mas, infelizmente, não é o que acontece no dia a dia escolar.

Não é, entretanto, o que ocorre nas aulas de artes. Na maioria delas, as práticas docentes estão calcadas em uma concepção modelar e padronizada de ensino: os professores sempre determinam o que e como fazer, cabendo aos alunos realizar a tarefa proposta – todos do mesmo modo e ao mesmo tempo. Esse padrão ocorre no ensino da música, da dança, do teatro e das artes visuais, mas não é “privilégio” do ensino artístico e pode ser observado em todos os níveis da educação básica – da educação infantil ao ensino médio. (Ferreira,2012, p.22)

Práticas assim estimulam a produção de uma visão que desvaloriza o ensino de Arte, uma vez que não promovem condições que desenvolvam um educando que compreenda a importância do que está produzindo, bem como não o auxilia a construir uma visão crítica, culturalmente falando. Essas aulas não buscam o envolvimento com a arte, o que possibilita um estímulo relevante para o desenvolvimento cognitivo, imaginário e criativo do educando.

As aulas de Artes, especialmente, em escolas públicas que atendem a educandos e educandas em sua maioria em condições de vulnerabilidade social, deveriam ser direcionadas para estimular as múltiplas inteligências e não se pautar em ações mecanizadas, que não agregam à vida dos educandos.

A maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para os alunos, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder “Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?”. Isso é desalentador, pois o mínimo que se espera de alguém que ensina é que saiba por que ensina! É fundamental saber o que os alunos aprendem quando trabalham com artes, porque é esse conhecimento que confere segurança e excelência ao trabalho do professor. (Franco,2012, p. 13)

E é partindo de práticas assim que devemos buscar reconstruir, reelaborar aulas condizentes com os anseios dos educandos e educandas e é partindo do conhecimento de tais realidades que poderemos modificá-las. É possível desenvolver, por meio das aulas de Arte, um indivíduo que interage com seu meio e que pode perceber, de forma crítica, a realidade que o cerca, e dessa forma poderá procurar meios para modificá-la. Mas esse é um processo árduo, visto que o cerne da problemática reside na falta de preparação, por parte dos educadores responsáveis pela maioria das aulas de Arte nas escolas públicas.

Avaliar implica conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes a cada momento da escolaridade e reconhecer os limites e a flexibilidade necessários para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem em um mesmo grupo de alunos. Para isso, o professor deve saber o que é adequado dentro de um campo largo de aprendizagem para cada nível escolar, ou seja, o que é relevante o aluno praticar e saber nessa área. (PCN,1998, p. 54)

Nessa perspectiva, existem dois aspectos que devem ser evidenciados, pois, apesar de serem responsáveis pelo não sucesso das aulas de Arte, não são discutidos pelas autoridades competentes, com o intuito de encontrar solução para essa problemática. As contratações dos educadores passam pelas secretarias de educação, e é nesse momento que cabe a decisão de colocar ou não educadores sem formação em Arte para ministrarem tais aulas, mas a escolha é sempre mandar para dentro das salas de aula educadores sem qualquer formação na área.

Como seria possível que tais profissionais fossem capazes de reconhecer se sua prática é adequada e se oportuniza os educandos a terem uma vivência artística / cultural real, como prevê os PCN? Como será possível que esse educador sem preparação adequada articule ações que promovam a qualidade do conteúdo que está ministrando, para que as aulas não sirvam meramente como instrumento quantitativo para aquisição de nota? O educador deve ser um mediador no processo difícil que é o fazer artístico. Ele deve ter a consciência de que a forma como ele conduz o processo de ensino-aprendizagem consolida a visão que o educando terá do componente curricular ministrado. Mas, ao contrário, em sua maioria, enxergam o ensino de Arte como de menor importância.

A defesa do ensino de Arte na escola já reuniu inúmeros argumentos, nenhum deles desprezível, mas quase todos alheios aos processos que compreendem a atividade artística (conceber, fazer / criar, perceber, ler, interpretar), seus produtos (obras, manifestações), ações e reflexões. Esse distanciamento entre argumentos de defesa e a realidade da escola gerou um tratamento curricular da Arte que, além de outras implicações, despiu esse ensino da reflexão, da crítica e da compreensão histórica, social e cultural desta atividade na sociedade. (Tourinho, 2012, p. 32)

Infelizmente, vemos essas situações se reproduzirem diariamente nas escolas públicas, mas é necessário que se consolide, nas comunidades escolares, a importância do ensino de Arte, para que os equívocos como os que fazem prevalecer uma hierarquia do saber – e, nesse sentido, o ensino de arte ocupa a última posição –, sejam corrigidos, para que o processo ensino-aprendizagem em Arte favoreça o crescimento individual e reflexivo do educando, bem como sua capacidade crítica. Nesse sentido, a valorização da cultura do educando e do contexto no qual ele está inserido contribui para ressignificar as aulas de Arte e o modo como eles se veem nesses contextos. Os discursos ecoados nos contextos escolares confirmam a necessidade da adoção de novas práticas de conceber, bem como ensinar Arte.

Fora das salas de aula, professores e professoras são avaliados, cobrados e “mediados” pela capacidade de satisfazer expectativas que pouco têm a ver com as condições internas de seu trabalho. Nas salas, professores sobrevivem com o que têm e podem fazer, enfrentando a ausência de condições mínimas que lhes dariam prazer e engajamento para realizar sua parte na formação educacional dos alunos e, neste caso, na sua formação cultural e artística. (Tourinho, 2012, p. 30)

Nessa perspectiva estão os educadores que não têm formação adequada para ministrarem aulas de arte. Diante de tais realidades, vale salientar que muitos são os trabalhos acadêmicos e discussões acerca do ensino desse componente curricular, mas a maioria foca na evolução das teorias do ensino de Arte. Pouco se discute sobre o processo de ensino-aprendizagem na prática do contexto escolar atual, ou seja, quem está ministrando as aulas de Arte e de que forma está ministrando?

Outro aspecto que me causa inquietação é a forma como são realizadas as avaliações de Arte: os educadores pedem para os educandos e educandas fazerem um “trabalhinho”, ou mesmo pedem que eles e elas procurem na internet um trabalho com reciclagem e façam para ganhar a nota. Porém o mais preocupante – e que é uma situação corriqueira nas escolas públicas –, é o fato de tornar as aulas de Arte um instrumento apenas para a obtenção de nota para aprovação do educando e educanda, no final do ano letivo, colaborando assim para os discursos ecoados entre os muros das escolas, de que “Arte não reprova, pois não é uma disciplina importante” ou “é só fazer um trabalho que se ganha nota de arte”. Mudar tais visões tem um caráter emergencial, para, de fato, haver uma consolidação do ensino de Arte.

Nesse sentido, Bohn e Silva(2013) citam Boughton(2005), onde afirma:

Ao se refletir sobre o processo de julgamento e valores em avaliação no campo de Arte, não há como se desviar de questões centrais que norteiam a Arte na educação contemporânea que desafiam as ortodoxias tradicionais e apontam como relevantes: a qualidade de produção de imagens; a relação da Arte com o contexto; as relações entre arte popular e arte de elite; as questões de gênero; as questões de mestiçagem, entre outras. (Bohn e Silva apud Boughton 2013, p. 10)

É importante ter um olhar mais atento para como está se dando o processo de ensino-aprendizagem em Arte, para, dessa forma, se dar mais significado a tais aulas. Nesse tocante estão as avaliações, que são uma etapa muito relevante para se averiguar o que de fato os educandos e educandas estão assimilando, pois o processo avaliativo, como se verifica atualmente na maioria das escolas públicas, é reducionista

e pouco acrescenta na vida tanto acadêmica quanto pessoal dos educandos e educandas. Isso foi o que verifiquei nas escolas nas quais lecionei.

Mas é imprescindível salientar que esse é um aspecto desencadeado também pelo problema macro, ou seja, a falta de formação adequada por parte dos educadores que ministram as aulas de Arte. De acordo com o currículo do componente curricular Arte, no Estado de Pernambuco, dentre as habilidades específicas, tem-se:

Refletir e identificar os espaços de expressão artística das chamadas “minorias” e seus percursos, sua resistência e luta por legitimidade (centros e grupos culturais, coletivos), preservando sua identidade e reconhecendo suas práticas e linguagens artísticas, culturais e corporais, bem como de sua estética e seu discurso. (Pernambuco, 2021, p. 2014)

A partir do que prevê o Currículo de Pernambuco, o Estado no qual se encontra a escola-campo desta pesquisa, percebo uma preocupação com o ensino de Arte para além de uma prática reducionista. No entanto, na realidade, não verifico uma articulação entre prática e teoria. É essencial que o educador busque caminhos que conduzam à solução de tais problemáticas. E um dos caminhos mais viáveis é a formação adequada para lecionar Arte, pois quando os educandos são colocados nesses espaços de criação é uma oportunidade de uma vivência nova, uma experiência que talvez mude o rumo de suas histórias, uma vez que se mostra um outro caminho na construção de suas trajetórias. Esse é um momento em que se tece uma colcha montada com retalhos que vão desde os ensinamentos teóricos oferecidos pela escola até as bagagens culturais trazidas pelos educandos.

Vale salientar que o Mestrado me abriu horizontes nunca antes imaginados, mostrou-me possibilidades de fazer com excelência o que eu já fazia, ou seja, ministrar aulas de Arte. Nesse sentido, fui apresentada ao Teatro de Boal e suas várias faces; mas a que me encantou foi o Teatro Fórum, uma vez que, através dessa metodologia, pude notar que era possível desenvolver um trabalho com Arte, abordando as questões de gênero. Sendo assim, vamos conversar sobre o Teatro, meu amigo leitor.

Em uma escola que recebe um público oriundo de comunidades extremamente carentes e com altos índices de criminalidade, a oferta do ensino de teatro é uma oportunidade de ressignificar essas histórias com tantas possibilidades de fracasso. Para trabalhar com Teatro na escola, busquei me valer das minhas experiências

anteriores como professora e na área em que sou formada. Procurei dialogar com o campo da Literatura, que tem relação direta com o Teatro, em alguns aspectos com a necessidade da prática da leitura e conhecimento de textos e autores variados, compreendendo-os em seus contextos de criação, sejam culturais e históricos, sejam políticos e sociais. O Teatro também dialoga de maneira direta com a Literatura pela própria necessidade de estudo, escrita, leitura e encenação de textos ditos dramáticos ou teatrais. Tentei contemplar algumas dessas possibilidades de diálogo com o Teatro, buscando me sentir mais confortável ao assumir a função de lecionar conteúdos de outra área de conhecimento.

Existe no discurso épico uma instância narrativa exterior que apresenta os acontecimentos e os mostra ao público, mas, na medida em que o narrador se deixa penetrar por sua própria subjetividade, essa diferenciação entre o épico e o dramático começa a oscilar. É aqui que se abre um território híbrido, fronteiro, que clama por ser investigado, para ampliar o horizonte da teatralidade. [...] o teatro ignora (ou finge ignorar) o que está em outros campos da literatura ou da arte – isso sem falar da ciência. Mas é evidente que existe um parentesco, uma vizinhança e uma espécie de fraternidade entre a literatura narrativa e o teatro. (Sinesterra, 2016, p.9)

Essa parceria, quando bem articulada, pode oferecer aos educandos dinamicidade nas aulas de Artes e Literatura. A interação destas duas manifestações artísticas, embora desafiadora, pode construir um terreno lúdico e ao mesmo tempo reflexivo, sobretudo para os educandos e educandas que não têm a vivência com Literatura e Teatro. Literatura e Teatro estão impregnados de sentido e é nesse contexto que os educandos terão a oportunidade de conhecer o poder transformador da Arte.

A leitura é uma experiência na qual dois universos distintos se cruzam. Um é o universo de quem lê e o outro é o oferecido pela obra. Portanto, cada leitor terá uma experiência singular e intransferível, visto que no momento da leitura esses dois mundos constroem um diálogo no qual todas as vivências de quem está lendo são acionadas. Vale salientar que a leitura é um momento de troca entre leitor e obra. No entanto, nem todos têm o privilégio desse contato. Desse modo,

Aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuarmos com a exclusão. Não combina com quem pretende ser democrático. (Machado apud Silva, 2009, p.1)

Infelizmente, essa é uma realidade vivenciada por muitos educadores, ou seja, educandos que nunca tiveram contato com a leitura literária e entre outros motivos se destaca a falta de preparo de muitos educadores para inserirem os educandos no universo da leitura. Para que a leitura seja um ato prazeroso é necessário que essa experiência não seja forçada, mas um ato espontâneo, isto é conduzido de forma a despertar o interesse deles por uma obra. Se for imposta, a leitura não alcançará o intuito de conquistar o leitor, pois correrá o risco de tornar esse momento desagradável, perdendo assim, um futuro leitor. Conforme Silva

O papel do professor de português do Ensino Médio é, então fundamental. É nessa faixa de escolaridade que se oferece, muitas vezes, a última oportunidade de o aluno tomar contato e aprender a apreciar a Literatura, um texto que se define como artístico. Essa é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada, é a possibilidade de acesso a um bem cultural precioso, legado de muitos séculos de cultura que o aluno tem direito de conhecer. (Silva, 2009, p.40).

O professor deve ser um guia para o educando nesse percurso de descoberta da Literatura. No Ensino Médio existe uma forte cobrança por dedicação extrema, sobretudo, às áreas das ciências exatas para prestar o ENEM e conquistar uma vaga na Universidade. Desse modo, reduz-se muito o espaço para as leituras literárias. Entretanto, a Literatura é uma oportunidade de oferecer a esse educando um pouco de ludicidade. É uma forma de exercitar a imaginação e, muitas vezes, é uma rota de fuga de realidades miseráveis, assim como está inserida uma significativa parcela da comunidade escolar pública brasileira. A Literatura é capaz de fazer o leitor sonhar e acreditar que ele é capaz de ser o herói de sua própria história. Ela nos faz ser mocinho e vilão ao mesmo tempo. Quando viajamos nas asas dos livros esquecemos por um momento nossas dores e angústias e começamos a vislumbrar dias melhores. A cada página uma emoção, um aprendizado, uma descoberta.

Formar um público leitor, sobretudo em uma escola pública, é uma árdua tarefa. Há algumas décadas os maiores desafios era o acesso à obra, pois os educandos da rede pública de ensino não dispunham de recursos financeiros para comprar um livro. Entretanto com o advento da tecnologia esse obstáculo, pelo menos, parcialmente foi vencido, uma vez que uma parcela significativa dos nossos educandos possui celular para baixar, gratuitamente, as obras literárias que são disponibilizadas em alguns sites. No entanto, outro cenário começa a se desenhar no que parecia uma solução

para essa problemática, ou seja, os educandos não demonstram interesse em baixar e ler as obras que estão a um clique do seu alcance. Diante deste cenário os educadores procuram caminhos que os levem a contornar esses obstáculos.

As visões, não interessa o quão grandiosas sejam, precisam de ser trabalhadas para se tornarem reais. As ideias são nitidamente importantes. Sem elas a mudança não tem leme. Mas a mudança também precisa de vento e de uma vela para apanhar. Sem eles não há movimento. Francamente, este pode ser o aspecto mais desafiador da proposta que eu fiz. A percepção pública da finalidade da educação apoia o paradigma corrente. Precisamos de remar contra a maré. (Eisner, 2008, p. 6)

Ver, refletir e atuar nessa realidade é imprescindível para mudarmos o que parece não ter mais solução. É necessário buscar ideias e as colocarmos em prática para que elas se tornem possíveis, palpáveis. É muito mais cômodo continuar com uma prática docente desenvolvida há anos, porém se não tomarmos a iniciativa de mudarmos nossas ações não alcançaremos êxito em nossa jornada como educadores, mesmo tendo que, muitas vezes, lutar contra a maré.

O ser humano não é apenas um ser racional, ele precisa de emoções. Desse modo, podemos recorrer à Literatura e ao Teatro para obter essas emoções necessárias para o equilíbrio psicológico das pessoas. A linguagem literária é capaz de nos transformar em seres críticos e, por meio dela, podemos conhecer melhor o ser humano. Essa experiência é importantíssima para qualquer pessoa. Os textos literários podem nos ensinar muito – mesmo aqueles profissionais experientes têm muito para aprender.

Ao longo deste [livro], irei comentando as diferentes coisas que aprendi nesse processo, com cada um dos textos que citei e com os que seguiram a eles. Foi um processo, admito, extraordinariamente útil para mim neste objetivo de descondicionalização das matrizes e dos parâmetros da teatralidade aceita convencionalmente – o que me deu uma grande liberdade na hora de organizar meu próprio discurso dramático. (Sinesterra, 2016, p. 11)

A partir do imaginário despertado pela Literatura e pelo Teatro, o educando e a educanda são estimulados a construir novas perspectivas de vida. O uso do teatro no processo educativo oferece novos caminhos na construção de um indivíduo protagonista.

Certamente que continuam a agir, como protagonistas do mundo cultural e como atores do imaginário social, tanto a épica como a lírica, tanto pintura celebrativa como decorativa, mas é através do romance

e do teatro que a formação do imaginário atinge a esfera mais propriamente subjetiva e vem exercer um papel de construção do sujeito. (Cambi *apud* Neves e Santiago, 2010, p. 23).

Como é possível notar nas palavras de Sinesterra (2016) os textos literários podem ensinar até mesmo grandes profissionais do teatro como ele, que faz adaptações de narrativas literárias para os palcos. Essa parceria é antiga, mas nas escolas, principalmente públicas, quase nunca acontece, por inúmeros fatores, entre eles falta de apoio por parte da própria escola ou, muitas vezes, porque o professor que leciona Artes não tem formação na área, e, portanto, fica inviável desenvolver um trabalho que demanda conhecimento e muita dedicação.

Quando se fala em teatro, podemos ter em mente dois tipos de produto – e, pois, de linguagem – diferentes: o livro no qual o texto se corporifica em palavra impressa, e a representação, o espetáculo teatral. Nas palavras de Anatol Rosenfeld, “a peça [...], quando lida e mesmo recitada, é literatura; mas quando representada, passa a ser teatro”. No teatro, real e irreal convivem e se completam: a concretude do palco, do cenário, do figurino, da pessoa dos atores soma-se à irrealidade de outro espaço, o da ficção. Essa não se restringe ao que é imaginado pelo leitor na intimidade de seu momento de leitura, mas atravessa todo o conjunto de elementos reais e se manifesta de modo visível e audível. (Silva, 2009, p. 131)

Associar Literatura e Teatro é transportar o que na leitura estava dentro de cada leitor para o mundo real. Entretanto, essa experiência torna-se ainda mais especial quando os/as próprios/as educandos/as são colocados/as no papel de fazer essa transposição e de dar vida àqueles personagens que estavam em suas imaginações; e o melhor é que, no palco, as personagens virão impregnadas pelas vivências dos nossos educandos. Mesmo que de forma momentânea, eles viverão a vida de personagens que, muitas vezes, os inspiraram. É uma oportunidade de ver a vida por outros ângulos.

A operação de recriação dramatúrgica será resultado de diferentes experimentos. Na busca da condição de criador, os alunos ampliam seu repertório expressivo para poder criar não só a forma de representar personagens, como também participar da análise dramatúrgica nos papéis de ator, dramaturgo e diretor, através da redação, da pesquisa, do recorte e da montagem de fragmentos de textos. (Martins, 2008, p. 2)

Quando colocamos os educandos nesses espaços de criação estamos oportunizando uma vivência nova, proporcionando uma experiência que talvez mude

o rumo de suas histórias, pois estamos mostrando um outro caminho na construção de suas trajetórias. Esse é um momento em que tecemos uma colcha montada com retalhos que vão desde os ensinamentos teóricos oferecidos pela escola até as bagagens culturais trazidas pelos educandos.

1.3. Vamos jogar com o teatro?

Como já comentei foi no momento em que me vi obrigada a ministrar aulas de Artes, mesmo sem formação na área, que surgiram muitas inquietações: o que posso fazer para tornar essas aulas menos conteudistas e mais envolventes para adolescentes que lidam diariamente com tantos conflitos? Esta indagação foi tão relevante para mim que me trouxe até o Mestrado em Artes Cênicas. Foi no momento em que me vi diante daquele desafio que pensei em juntar literatura e teatro.

Mas por que o teatro? Essa manifestação artística na sala de aula pode contribuir de forma eficiente para que os educandos cresçam, não apenas de forma individual, mas sobretudo de forma coletiva. Muitas são as pessoas que não enxergam a beleza das diferenças e por isso vivem tentando oprimir aqueles que fogem dos padrões de perfeição por elas impostos. Nesse sentido, o teatro auxilia no processo de desconstrução dessas ideias arraigadas, contribuindo para a formação de uma consciência da importância das individualidades e características que marcam cada indivíduo. Através da experiência do teatro do oprimido, os educandos podem ser conduzidos a ressignificar suas histórias.

Freire (2013, p. 34) afirma que

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato opressores dos opressores, mas restaurados da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.

Somos desafiados diariamente com a falta de um espaço adequado para realizar nossas atividades, faltam materiais para montar nossos cenários, e assim vamos lidando com inúmeros nós por parte daqueles que deveriam nos apoiar.

Chegamos ao extremo de sermos questionados “para que teatro para quem vai para a maré?”. Todos esses desafios me dão forças para realizar um trabalho comprometido em mostrar que a arte não é para um grupo seletivo de pessoas, muito pelo contrário, ela deve ser para todos que assim desejarem.

Assim como na vida real, temos na ficção opressores e oprimidos, com os quais muitas vezes nos identificamos. Quando nos debruçamos na leitura de um romance, fazemos uma viagem que dialoga com nossa realidade, quase sempre para nos mostrar que é possível sonhar e realizar. É possível deixarmos de ser oprimidos, sem, contudo, nos tornarmos opressores. Existem textos que, quando lemos, surge em nós, de forma latente, o desejo de ver aquela narrativa concretizar-se em nossa frente.

A textualidade – a substância textual de um relato – possui uma teatralidade potencial em maior ou menor grau. Existem textos que, quando os lemos, percebemos em seu discurso uma tamanha teatralidade que despertam em nós o desejo de vê-los num palco, como se latejasse neles uma estranha quadridimensionalidade. Sua leitura gera uma configuração espaciotemporal e as cenas teatrais começam a ser produzidas na mente, até o ponto de chegar a se concretizarem situações que caberiam perfeitamente num palco, que poderiam ser reescritas de acordo com as leis não escritas da teatralidade. (Sinesterra, 20016, p .23)

Acredito que desde crianças, todos nós quando assistimos aos nossos desenhos animados preferidos, nos imaginamos no universo dos nossos heróis. Quem nunca foi assistir a um espetáculo circense e ao retornar para casa tentou realizar algo que viu algum artista do circo fazer? Ou mesmo quem nunca se colocou no papel daquele personagem do livro que estava lendo? O teatro é capaz de conceder aos educandos a oportunidade de experienciar, de se lançar em uma atividade prazerosa, fazendo-os acreditar que são capazes de quebrarem paradigmas, uma vez que terão um espaço de criação como seres pensantes que são e não como o sistema opressor os enxerga, isto é, como seres improdutivos e “descartáveis”. O teatro em sala de aula traz essa vivência lúdica e única tão necessária e significativa aos nossos educandos, que foram ensinados desde cedo que sonhar não é para eles.

É importante salientar que a tarefa de conduzir nossos educandos a uma encenação teatral não é fácil, visto que a teatralidade é uma vivência completamente nova para eles. Além disso, deparei-me com a minha própria realidade: eu não tinha formação específica na área, conforme mencionei anteriormente. Foi a partir do

ingresso no curso de Mestrado em Arte em Rede Nacional – PROFARTES – da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2022, que tive acesso ao trabalho de Augusto Boal (1931-2009) e a sua abordagem do Teatro do Oprimido.

Através do Teatro é possível compreender de forma crítica a realidade que cerca nossos educandos. Nas práticas teatrais são construídas relações interpessoais que vão além dos muros da escola, uma vez ele agrega e promove o estímulo à aceitação da diversidade e das diferenças em um ambiente propício para um crescimento pessoal. É longa a história do Teatro e muitas outras formas de expressão da Arte.

Nossos educandos estão inseridos em um ambiente inóspito e opressor no qual quase nunca são ouvidos. A comunidade escolar se constitui pela diversidade de raças, gêneros, religiões e culturas, porém diferenças, em especial de gênero, sofrem constantemente com a intolerância que, muitas vezes, parte dos próprios educadores. Desse modo, o Teatro desperta a reflexão para lutar contra esse sistema opressor, através da compreensão das relações entre oprimido e opressor.

O Teatro do Oprimido, no qual está centrada esta pesquisa, possibilita estabelecer com o educando uma relação mais estreita e de confiança.

A enorme diversidade de técnicas e de suas aplicações possíveis – na luta e política, na psicoterapia, na pedagogia, na cidade como no campo, no trato com problemas econômicos do país inteiro – não se afastaram, nunca, um milímetro sequer, de sua proposta inicial, que é o apoio decidido do teatro às lutas dos oprimidos. (Boal, 2019, p. 13)

A escola é uma instituição que concentra uma significativa parcela de oprimidos que almejam um espaço de visibilidade e respeito. O Teatro do Oprimido na escola contribui para desmistificar a ideia que o senso comum tem de que fazer teatro é para poucos. O cerne do seu poder transformador está no fato de que ele oferece protagonismo aos sempre calados e invisibilizados socialmente. Nele, os educandos podem perceber as opressões que outros educandos sofrem, compartilhando entre eles suas angústias e anseios. “O Teatro do Oprimido, em todas em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras”. BOAL

O Teatro Fórum foi a técnica utilizada com os educandos.

O teatro fórum – talvez a forma de teatro do oprimido mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo – usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de espect-atores – são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente, e não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida, e não um fim em si mesmo. (Boal, 2019, p.16)

O Teatro do Oprimido é uma forma de dar voz aos oprimidos em suas várias faces e por meio do Teatro Fórum, umas das manifestações do Teatro do Oprimido, podemos discutir os papéis dos dominadores e dos dominados no palco e com os espectadores. Porém até chegar ao palco há um processo e percurso; é necessário recorrer a algumas metodologias, como os jogos teatrais, e, nesse sentido, recorri aos jogos teatrais de Viola Spolin e aos jogos para atores e não atores de Augusto Boal. Esses jogos são essenciais nesse processo de construção desses nossos educandos/atores que passam a vida no papel de oprimidos.

A sinergia criada pelo teatro do oprimido aumenta o seu poder transformador na medida em que se expande e que entrelaça diferentes grupos de oprimidos: é preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias. (Boal, 2019, p. 14)

A grande contribuição desse Teatro está no fato de ele aproximar nossos educandos atores dos nossos educandos expectadores, através da troca de experiências. A comunidade escolar, de uma forma ampla, precisa entender que trabalhos como este são extremamente necessários, se queremos um processo de ensino aprendizagem eficiente, que busca diminuir o abismo social separador da educação pública da privada.

No entanto, é necessário ousadia, uma vez que a maioria dos educadores não está disposta a lutar contra todas as engrenagens de um sistema que não está preocupado com uma educação mais humana, que forma cidadãos críticos que compreendem a realidade que os cerca, e que veem na educação uma arma para lutar contra esse mesmo sistema que os oprime. Desse modo, os jogos teatrais podem ser uma bússola nesse percurso. Os jogos ajudam a compreender, por exemplo o posicionamento adequado no palco, bem como a improvisar mediante o esquecimento de uma fala; ainda, os jogos teatrais podem fazer parte de um processo criativo, na invenção de gestos, ações e movimentos que podem ser usados em uma cena, entre tantas outras aplicações.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem a oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las. A ingenuidade e a inventividade aparecem para solucionar quaisquer crises que o jogo apresenta, pois está subentendido que durante o jogo o jogador é livre para alcançar seu objetivo da maneira que escolher [...]. (Spolin, 2010, p. 17)

É importante destacar a relevância dos jogos teatrais na preparação dos educandos para as apresentações, uma vez que a maioria dos adolescentes sentem dificuldade de se expor em público. Sendo assim, os jogos auxiliam a desenvolver a confiança na hora de uma apresentação. Além disso os jogos são uma forma de tirá-los da rotina do dia a dia escolar, que se constitui apenas em aulas conteudistas e expositivas. As improvisações feitas quando eles estão jogando os levam à percepção de suas capacidades de memorização, como também de criação e de imaginação.

Metaforicamente falando, os jogos são uma lupa que aumenta a visão do indivíduo, visto que, através desse momento de descontração, reflete-se acerca de seu papel social, sem, contudo, sentir sobre seus ombros o peso da cobrança da decodificação dos conteúdos. É brincando que nossos educandos compreendem e aprendem sobre a vida. Uma característica interessante nesse processo é como, à medida que o tempo passa, vemos a consolidação de um trabalho coletivo, em que eles constroem uma parceceria na busca de apresentarem um bonito espetáculo.

O teatro pode ser pensado não só como uma forma de arte que expressa diferentes circunstâncias da experiência humana, mas também como seu elemento formador. Podemos ainda considerar o teatro um instrumento de interferência na vida social e observar sua potencialidade como “fala” que constitui peça chave na construção do humano. (Barthes, 2003, p.40)

O Teatro pode ajudar a nos conhecermos melhor, bem como a conhecer e lidar melhor com o outro, pois possibilita a interação entre indivíduos e através das práticas teatrais; podemos realizar um movimento interno de autoavaliação, bem como nos colocar em outros lugares. Contribui também para nossa formação enquanto seres políticos, pois leva a romper fronteiras, como as do preconceito, por exemplo.

Até o momento, discorri acerca dos principais aspectos que norteiam esta pesquisa, como Teatro e, em especial, o Teatro do Oprimido e o Teatro Fórum, bem

como realizei uma breve discussão sobre o ensino de Arte nas escolas públicas e como ele está previsto nos documentos oficiais, como a BNCC, por exemplo. O tema gênero e sexualidade, uma das preocupações desta pesquisa, foi discutido de forma a mostrar a relevância de sua abordagem em todos os meios que compõem nossa sociedade. Literatura foi a outra temática discutida e sua conexão com os outros temas para o desenvolvimento desse projeto.

No próximo capítulo, descreverei como foram planejados e realizados nossos encontros que se configuraram como uma proposta de intervenção pedagógica, e os resultados alcançados em cada um deles, a partir do desenvolvimento de um trabalho que aliou as linguagens artísticas da Literatura e do Teatro, tratando transversalmente de questões de gênero e sexualidade, em especial, no que se refere ao preconceito contra os sujeitos LGBTQIAPNb+ que se reconhecem como homoafetivos. Construirei um diálogo entre a teoria e a prática e reflexões a partir do meu embasamento teórico.

2. GÊNERO, TEATRO E LITERATURA: DA TEORIA À PRÁTICA

Este capítulo se constitui pela contextualização da escola campo, bem como narração dos encontros realizados com os educandos e educandas e os resultados alcançados. Também aqui será exposta a metodologia usada em consonância com as teorias usadas para embasar a pesquisa. Foram realizados doze encontros, cada um composto por duas aulas de cinquenta minutos, nos quais foram abordados assuntos como: Teatro do Oprimido, Teatro Fórum, opressão, gênero, violência de gênero, e a relação desses temas com a Literatura. Também foi feita uma descrição da culminância dos nossos encontros.

2.1. A ESCOLA-CAMPO-EREM FREI CAMPO MAYOR

A escola EREM Frei Campo Mayor foi criada com a denominação de Escola Mínima Rural de Ponta de Pedras. A instituição teve sua inauguração oficial em 26 de fevereiro de 1950, com o objetivo de atender a população local que não dispunha de nenhuma escola. Em 1º de fevereiro de 2012, foi criada em prédio próprio, a Escola de Referência em Ensino Médio Frei Campo Mayor, com jornada semi-integral e em 2022 passou a ser integral. Os educandos que compõem a escola são oriundos de comunidades carentes como: Ponta de Pedras, Catuama, Barra de Catuama, Carne de Vaca, São Lourenço, Tejucupapo, Gambá e Atapuz. Atualmente a escola possui um quantitativo de 630 educandos distribuídos em dezesseis turmas em jornada integral. Nessa escola, verifico com frequência casos de homofobia por parte de docentes, discentes, bem como de alguns membros da equipe gestora, por essa e outras razões é de suma importância desenvolver um trabalho de combate a essas práticas. Apesar de ser uma escola de tempo integral ela não possui estrutura física adequada para esta modalidade, uma vez que não tem banheiros nos quais os educandos e educandas possam tomar um banho durante o intervalo, bem como não tem salas de jogos para tornar o dia dos educandos e educandas menos cansativo, outro fator importante é que a quadra esportiva foi interditada há muito tempo e mesmo havendo vários ofícios por parte da escola solicitando uma nova quadra não houve solução para o problema. Os laboratórios não funcionam e não há espaço adequado para uma atividade voltada para a Arte. Temos um total de vinte e três professores,

sendo quinze efetivos e oito contratados, quatro funcionárias responsáveis pela limpeza e três porteiros, duas educadoras de apoio e uma coordenadora, uma secretária e dois assistentes administrativos, uma professora adaptada para a biblioteca, uma gestora e um gestor adjunto. A localização da escola é um pouco difícil, pois a maioria das ruas que dão acesso a ela não são calçadas e quando chove alaga. Enfim, essa é uma pequena descrição da nossa realidade, outros detalhes não cabem a mim expor.

O distrito de Ponta de Pedras no qual está localizada a escola na qual será realizada a pesquisa é uma região litorânea. Sua população estimada em 2010 era de 8.008 habitantes. O distrito tem sua fonte de renda subsidiada na pesca, em pequenos comércios, bem como em pequenos bares e restaurantes que tem, no verão, sua maior rentabilidade. A maioria dos jovens, infelizmente, não tem muita expectativa de crescimento profissional. Uma parcela significativa dos educandos e educandas desta escola estão em vulnerabilidade alimentar, uma vez que existe uma carência econômica grande, bem como o consumo de drogas nessa região é muito elevado o que também os coloca em situação de risco.

2.2. UMA REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS

Nesse capítulo farei uma reflexão acerca do desenvolvimento da pesquisa com os educandos e educandas, bem como detalharei todo o processo com os êxitos como também com os pontos negativos.

1º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Acolhimento - Dei início ao encontro perguntando como havia sido a semana dos educandos e educandas. Em seguida, comecei a explicar do que se tratava a pesquisa, mas nesse momento fui questionada por um dos educandos sobre o que é mestrado. Desse modo, parei por um momento, para esclarecer a dúvida que acabara de se apresentar. Mostrei como pretendia desenvolver os encontros, bem como as razões que me fizeram escolher os temas trabalhados nesta pesquisa. Expliquei que eles e elas ficariam livres para participarem do projeto, como também não seriam obrigados a se envolver em nenhuma atividade que não fosse por livre e espontânea vontade. **2ª parte:** Após fazer os esclarecimentos gerais da pesquisa, perguntei se eles e elas sabiam do que se tratava o tema gênero, porém as poucas respostas que ouvi foram muito vagas, nenhuma que mostrasse um claro entendimento sobre o assunto. Falei sobre a violência de gênero com a qual

temos que lidar em todas as esferas sociais, bem como acerca da luta constante por respeito e visibilidade. Narrei uma situação que aconteceu comigo em uma escola e como essa experiência havia sido o gatilho para que eu aceitasse o desafio de trazer essa temática para minha pesquisa. A situação à qual me refiro foi a seguinte: fui informada por um dos educandos que um deles não estava comendo na escola, pois sempre que ele estava na fila para pegar a comida sofria discriminação sexual, isto é, o chamavam de “bichinha”, “afeminado” e chegavam ao extremo de empurrá-lo. Fiquei, extremamente, indignada e reporte a situação aos meus superiores. Essas situações não são pontuais, pelo contrário, são muito frequentes. Entretanto não há iniciativas, na maioria das escolas, que visem solucionar esse problema, contribuindo dessa forma para a perpetuação da violência de gênero. Conforme Lins,

Para além dessas diferenças, as dicotomias entre feminilidade e masculinidade criam desigualdades: articulado com noções de hierarquia e poder, o gênero é também uma forma social de produzir posições de desigualdade entre pessoas, coisas, espaços ou emoções. No terreno da desigualdade de gênero encontramos desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências, temas que historicamente têm mobilizado movimentos reivindicatórios, lutas e disputas por igualdade. (Lins, Machado, Escoura, 2016, p.16)

Desse modo, verifica-se a relevância de iniciativas que busquem diminuir essas diferenças de gêneros. Com relação ao tema Teatro, não foi possível falarmos, uma vez que o tempo não foi suficiente. Também informei a eles e elas que, no decorrer das aulas, eu tentaria elucidar as dúvidas que ainda persistissem sobre gênero, como também faria explicações sobre os demais temas da pesquisa.

3ª parte: Quando iniciamos a roda de conversa, alguns alunos disseram que já haviam presenciado cenas como a que narrei e que achavam aquilo muito triste. Percebi, diante desse comentário, que eles haviam entendido o tema gênero e a importância de abordá-lo no contexto escolar. Na minha concepção, esse foi um momento muito importante, visto que esse tema é invisibilizado em nossa escola e esse encontro propiciou a oportunidade de esclarecer algumas dúvidas dos educandos e educandas presentes, bem como de relatarmos situações opressoras que presenciaram, na escola, mas que não tinham abertura para falar sobre isso.

Figura 1: Começo de uma jornada



Preparação do projeto. Fonte: Acervo pessoal.2023

2º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Acolhimento – nesse primeiro momento, dei as boas-vindas aos/às educandos/as e perguntei como foi a semana deles/as. Em seguida, fiz uma breve explanação de como seria o encontro e sua relação com o anterior, uma vez que eles precisam compreender que as aulas não estão desvinculadas umas das outras, mas, ao contrário, são complementares, para que, ao término da oficina, consigamos os resultados almejados. **2ª parte:** Propus a atividade prática/corporal; pedi para que formassem duplas. Em seguida, expliquei que deveriam seguir os meus comandos, cantando junto a seguinte música: “somos todos iguais, somos todos iguais para um lado e para outro para frente e pra trás somos todos iguais”. Convidei um educando para juntos fazermos uma demonstração para os demais de como deveriam proceder. Esse jogo tem por objetivo trabalhar a sincronia, a atenção e o trabalho em equipe entre as duplas, uma vez que, para a sua correta execução, é necessário que ambos fiquem atentos aos comandos e aos movimentos de seu par. Esse jogo contribui de forma significativa para a atuação no palco, visto que os atores precisam trabalhar em conjunto. **3ª parte:** Após concluirmos o exercício teatral proposto, fizemos uma roda para conversar sobre a importância desse momento. Primeiro, expliquei aos/às educandos/as o que são jogos teatrais e qual sua relevância para formação de um ator, bem como falei sobre o livro “Jogos para Atores e Não-Atores”, de Augusto Boal, e sua relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Este livro não é um livro de receitas. Seu intuito é clarificar as intenções do Teatro do Oprimido e oferecer a todos um instrumento

de trabalho, um verdadeiro arsenal. Quero lembrar que ele pode ser usado igualmente tanto por atores, profissionais e amadores, como por professores e terapeutas, e também no trabalho político, pedagógico ou social. (Boal, 2008, p.10)

Em seguida, falei sobre as habilidades trabalhadas no jogo desse encontro. Logo após essas explicações, passei a palavra para quem quisesse expor suas impressões acerca do momento experienciado.

Figura 2: Vamos jogar?



Jogo corporal. Fonte: Acervo pessoal. 2023

Figura 3: E o jogo continua



Jogo corporal. Fonte: Acervo pessoal.2022

3º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Acolhimento - Boas-vindas: Perguntei como foi a semana dos/as educandos/as. Em seguida, expliquei como seria o encontro e sua relação com o encontro anterior, visto que adoto sempre essa prática para mostrar a interligação de todas as atividades desenvolvidas. Esclareci a eles/as que exporia um resumo sobre a História do Teatro, bem como do Teatro do Oprimido. Entretanto, por causa do tempo insuficiente, não tive como me aprofundar na História do Teatro Fórum. Desse modo, fiz uma explanação superficial e preparei um momento exclusivamente para ampliar o conhecimento dos/as educandos/as sobre o tema. Vale salientar que a metodologia utilizada nesse encontro, ou seja, fazer uma contextualização do tema em detrimento de só atividades práticas, justifica-se pelo fato de os/as educandos/as possuírem um *déficit* vultoso em praticamente todos os componentes curriculares, especialmente em Artes, visto que nunca tiveram uma aula de Artes que não com o propósito de fazer um trabalho para conseguir uma nota para

aprovação no final do ano. Vale ressaltar ainda que nenhum dos educadores que lecionam Artes, na escola, possui formação nesse componente curricular.

Acreditamos que as ações educacionais só alcançam sucesso com a participação competente do professor, que é constituída não só pelo processo de sua formação escolar, como também por seus conhecimentos construídos nas experiências sociais. Partindo desse pressuposto, centralizamos a atenção na formação do professor para desenvolver nosso pensamento sobre o ensino das artes praticado tanto pelo docente especialista quanto pelo não especialista. Com base nessa realidade que predomina na maioria dos sistemas educacionais do país. (Sueli, 2012, p. 7)

Verifica-se a importância da formação na área de Artes para desenvolver uma prática pedagógica com resultados positivos. **2ª parte:** Antes de passar os slides que preparei para contar a História do Teatro, perguntei se sabiam o que era teatro. Diante das respostas, iniciei a apresentação.

A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e em todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia a dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem teatral. (Boal, 2008, p.10)

Logo após, passei o vídeo “Relâmpião – Teatro de rua em São Paulo”, com o intuito de mostrar que teatro não acontecia apenas em casas de espetáculos. Para encerrar, abri uma roda de conversa para que pudessem expressar suas opiniões sobre tudo que tinham visto. Comecei perguntando se, depois de conhecer um pouco sobre o Teatro e o Teatro do Oprimido, ainda restavam muitas dúvidas. Alguns fizeram perguntas que tentei responder da melhor forma possível. Mas, após esse encontro, comecei a refletir sobre minha evolução enquanto profissional, pois, antes de entrar no Mestrado, fui incumbida de ministrar aulas de artes mesmo sem formação alguma na área e, sobretudo por essa razão, busquei o Mestrado em Artes, que vem me possibilitando levar para meus/minhas educandos/as um verdadeiro contato com a prática artística/cultural, que nem eles/as nem eu tínhamos vivenciado antes.

Figura 4: Vamos falar sobre teatro?



Fonte: acervo pessoal. 2022

Figura 5 – O assunto continua sendo teatro. Estudando o Teatro do Oprimido



Estudando o Teatro do Oprimido. Fonte: acervo pessoal.2022

4º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Acolhimento - iniciei o encontro perguntando como tinha sido a semana dos/as educandos/as. Em seguida, fiz um resumo do encontro anterior, pois adoto essa postura sempre, para que entendam a conexão dos conteúdos abordados. **2ª parte:** Após essas explicações, chegou o momento da prática, momento esse em que alguns/mas educandos/as se envolvem

mais e outros/as, mesmo sentindo dificuldade para executar a atividade proposta, se divertem vendo os demais errando e acertando. O jogo proposto para esse encontro foi: sequência do espelho, que está no livro “**Jogos para Atores e Não-Atores**” (2008), de Augusto Boal. Esse jogo consiste no seguinte: formar duas filas de participantes, uma de frente para a outra, olho no olho. Entretanto, eu optei por colocar dois participantes de cada vez, para estimular os demais a participarem de livre e espontânea vontade, após verem os/as colegas jogando. Também permiti que fizessem dupla com a pessoa com que tivesse mais afinidade. Tudo isso para que todos/as se envolvessem. Em seguida, expliquei que cada indivíduo inicia uma série de movimentos em câmera lenta e o outro tentaria reproduzir nos mínimos detalhes; deixei claro que não era uma competição, portanto ninguém deveria fazer movimentos bruscos com o intuito de o outro não conseguir reproduzir, pois o objetivo do jogo era buscar a perfeita sincronia e a maior exatidão na reprodução dos movimentos. Depois propus a inversão dos papéis. Logo após, apliquei as demais sequências do jogo e, para minha surpresa, todos participaram.

Entre as artes, o teatro é, por excelência, a que exige a presença da pessoa de forma completa: o corpo, a fala, o raciocínio e a emoção. O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos (os aspectos cognitivos e subjetivos). Sua ação consiste na ordenação desses conteúdos individuais e grupais e seu ensino ou exercício se faz através da encenação, da contemplação e da vivência dos jogos teatrais. (Neves e Santiago, 2010, p. 14).

Nessa escola temos um grande desafio, que é conseguir o envolvimento de todos/as os/as educandos/as em uma atividade, contudo, nesse trabalho, alcancei o objetivo de um envolvimento unânime.

3ª parte: Avaliação - Antes do término do encontro, fizemos uma roda de conversa para discutirmos um pouco sobre o que tínhamos vivenciado. Abri um espaço para que todos/as falassem, porém alguns preferiram não opinar e respeitei a decisão. Perguntei o que tinham gostado e quais as dificuldades encontradas. Diante das respostas, cheguei à conclusão de que ainda há um longo caminho pela frente, no tocante à interação dos/as nossos/as educandos/as nas atividades apresentadas, mas isso se deve também ao fato de nunca terem tido aula de Artes que os envolvessem em uma real prática artística. Observei durante a dinâmica do jogo que, mesmo tendo ficado claro que não era uma competição, alguns/as fizeram

movimentos para tentar dificultar a repetição por parte da outra pessoa. No entanto um ponto bem positivo foi ter conseguido envolver todo o grupo no jogo.

Figura 6: Vou mostrar como se joga, aceita?



O corpo e os jogos corporais. Fonte: acervo pessoal.2022

Figura 7: Agora, vocês jogam!



Jogos corporais acontecendo. Fonte: Acervo pessoa.2022

5º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Acolhimento - iniciei o encontro perguntando como tinha sido a semana dos/as educandos/as. Em seguida, fiz uma síntese do encontro anterior. Após esse momento, fui indagada por uma educanda se iríamos fazer alguma “brincadeira” como na semana anterior; entendi que ela estava

se referindo ao jogo teatral do último encontro. Respondi que sim, mas expliquei novamente que o que estávamos fazendo eram jogos teatrais com a finalidade de ajuda-los na prática teatral. Entretanto, percebi também que ao associar os jogos a uma brincadeira é porque ela via aquela atividade como algo lúdico, sem o engessamento do que tinha sido apresentado sempre como sendo aulas de artes. Depois de responder à pergunta, expus como seria o jogo teatral que iríamos realizar. Mas, antes de iniciarmos, li um trecho do livro “**Jogos para atores e não-Atores**” (2008), de Augusto Boal, para reiterar a importância do que estávamos fazendo.

O elemento mais importante do teatro é o corpo humano; é impossível fazer teatro sem o corpo humano. Por essa razão, este livro utiliza os movimentos físicos, formas, volumes, relações físicas. Nada deve ser feito com violência ou dor em um exercício ou jogo; ao contrário, devemos sempre sentir prazer e aumentar a nossa capacidade de compreender. Os exercícios e jogos não devem ser feitos dentro do espírito de competição – devemos ser sempre melhores do que nós mesmos, e nunca melhores que os outros. (Boal, 2008, p.20)

É justamente este meu intuito: estimular o trabalho interativo e coletivo, sem que haja competição entre eles/as, mas que todas as ações desenvolvidas nas aulas visem ao crescimento estético-artístico de todos/as.

2ª parte: Colocando a mão na massa, após tomarem conhecimento do jogo, pedi que se reunissem em grupos ou duplas, para elaborarem uma cena, já que o jogo é “Ensaio livre”, ou seja, os/as educandos/as ficariam à vontade para criar, desde que não tivessem ações que pudessem machucar alguém – essa é uma das condições do jogo. O intuito é permitir que os/as educandos/as sejam os produtores, diretores e atores ao mesmo tempo, ou seja, que se tornem protagonistas em todos os aspectos, pois trabalharemos sua criatividade, memória, capacidade de conduzir uma situação e raciocínio. Enfim, é um jogo importantíssimo para atores e não-atores. Devo confessar que esse foi um dos melhores encontros que tivemos, pois as produções despertaram em mim as mais variadas emoções, isto é, ora eu ria, ora eu ficava triste, quando via as apresentações que prepararam. Um grupo de educandos montou a seguinte apresentação: um marido pegou a esposa com o amante e depois de brigarem o marido resolveu aceita-la, e quando eles inverteram os papéis a esposa pegava o marido com outro homem. Esse momento foi bem cômico e fez todos rirem. Teve um grupo que montou um assalto que não deu certo, essa foi mais uma apresentação que fez todos rirem; a que me deixou triste foi uma cena na qual uma menina sofria homofobia por parte da família e de alguns colegas da escola, porém o

mais tocante é que a menina que propôs essa encenação é homoafetiva e, no final, ela chorou muito; nesse momento todos nós a abraçamos. Fiquei muito impressionada com a coragem dela porque ela sempre foi muito quieta.

3ª parte: Para encerrarmos aquele encontro cheio de emoções, fizemos uma roda de conversa, mas dessa vez todos falaram. Comecei perguntando do que gostaram naquela aula. Um que tinha sido o fato de eles poderem atuar. Eu acredito que esse jogo possibilitou experienciar como é ser um ator. Outros/as disseram que gostaram porque tinham achado engraçadas as situações do ladrão que não conseguiu roubar, e a cena da traição. Um dos educandos até relatou um caso parecido que acontecera com uma vizinha dele. Quando questionei sobre a encenação de homofobia, a maioria ficou calada e uns poucos, inclusive a menina que preparou a cena, falaram que era triste demais saber que situações como aquela se repetiam todos os dias; poucas são as pessoas que acolhem, respeitam e enxergam os homoafetivos. A educanda relatou uma discussão que havia tido com um dos educadores da escola, por causa de um comentário preconceituoso. Durante esses relatos eu olhava para o rosto de todos e notava uma expressão triste. Experiências como essas me fazem refletir o quão cheio de significados está sendo esse trabalho, visto que está contribuindo para uma formação artística/ cultural que, vale salientar, nunca havia sido vivenciada antes, mas, principalmente, para uma formação cidadã humanizada.

Figura 8 É hora de improvisar



Jogos teatrais: o improviso. Fonte: Acervo pessoal.2022

Figura 9: Este é um momento de catarse



Jogos teatrais. Improviso. Fonte: Acervo pessoal.2022

6º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte: Iniciei o encontro indagando sobre como tinha sido a semana dos/as educandos/as. Em seguida, comecei o diálogo sobre o dramaturgo Augusto Boal e o Teatro do Oprimido. Entretanto, como já havíamos visto a História do Teatro do Oprimido, em um encontro anterior, fiz apenas uma síntese do que já tínhamos estudado. Logo após, iniciei a explanação acerca do Teatro Fórum, pois como o objetivo era trabalhar esse viés, faz-se imprescindível esse aprofundamento.

No Teatro-Fórum, o mecanismo funciona ao contrário. O personagem cede, e eu, espectador, sou chamado a corrigi-lo, mostrando à plateia uma melhor maneira de agir. Retifico sua ação. Fazendo isso na ficção da peça, invadindo a cena, estou me preparando para fazer o mesmo na realidade. Realizando essas ações na ficção do teatro, eu me preparo, treino, para realizá-las também na minha vida real. No teatro, me familiarizo com os problemas que enfrentei na realidade: meu próprio medo do desemprego, os argumentos dos meus companheiros etc. Na ficção, ensaio a ação! O Teatro-Fórum não produz catarse: produz um estimulante para o nosso desejo de mudar o mundo. Produz a dinamização. (Boal, 2008, p. 42)

Para ilustrar melhor, apresentei o documentário “**Augusto Boal e o Teatro do Oprimido**”, após o que informei que, durante a roda de conversa, todos/as falaríamos sobre o que fora apreendido. Após isso, falei aos/às educandos/as que iríamos dialogar um pouco sobre Homofobia e Transfobia, dois termos tão presentes quando o assunto é violência de gênero. Primeiro, mostrei o significado dos termos: Homofobia é o termo geral normalmente utilizado para se referir ao preconceito e à discriminação em razão de orientação sexual – no caso, pessoas que se sentem atraídas por pessoas do mesmo sexo; já a Transfobia é o preconceito e a discriminação em razão da identidade de gênero, contra travestis e transexuais. Uma pessoa transexual possui uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico. Em seguida, coloquei o documentário “**LGBT- Homofobia e transfobia na escola**”.

2ª parte: Iniciei a conversa perguntando se os/as educandos/as tinham entendido como se configura o Teatro Fórum. A segunda pergunta foi: vocês já presenciaram alguma situação, na escola, que considerem Homofobia ou Transfobia? Uma das respostas para a primeira indagação foi: “entendemos sim, o Teatro Fórum aborda sempre um tema polêmico”; depois ouvi a resposta para a segunda indagação: “um caso assim acontece todos os dias com Rhiana”. Rhiana é uma educanda trans e que frequentemente sofre agressões verbais e físicas na escola. Diante das respostas, perguntei se viam a possibilidade de abordar a questão de gênero no Teatro Fórum.

Todos/as responderam que sim. Mas esse debate ficou para encontro posterior, por causa do tempo que nos restava para encerrarmos o encontro.

Figura 10: Educandos/as se preparando para assistir ao vídeo



Apreciação de vídeo sobre o Teatro do Oprimido. Fonte: Acervo pessoal.2022

7º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte - Acolhimento: nesse primeiro momento, perguntei como havia sido a semana dos/as educandos/as. Em seguida, fiz uma explanação do encontro anterior e comecei a falar como seria este encontro. Logo depois, expliquei que jogaríamos um jogo chamado “Quebra da repressão”, que consiste em: 1. Um ator procura recordar um momento da sua vida em que tenha sentido uma imensa repressão. 2. Na segunda fase do exercício, o protagonista não aceita a repressão. 3. Na terceira fase do exercício os atores trocam de papéis, interpretando precisamente o contrário. Esse jogo foi pensado para esse momento, uma vez que eu iria abordar a relação de opressão sofrida pelos homoafetivos, mas que todos/as que fazem parte da pesquisa iriam se familiarizar, visto que todos nós em algum momento de nossas vidas já estivemos nesses papéis. Em seguida coloquei no Datashow o clipe de Pablllo Vittar “**Indestrutível**”, para iniciarmos a conversa sobre as relações de oprimido e opressor com o tema gênero na escola. Essa música foi apresentada a mim por um educando da pesquisa, em um de nossos

encontros, e quando assisti ao clipe percebi que discutir o tema a partir daquela música seria bem proveitoso, uma vez que o clipe narra a história de um adolescente homoafetivo que sofre múltiplas violências na escola. Em seguida, comecei a falar sobre as primeiras obras literárias que abordaram essa temática e por que isso foi tão relevante em uma época na qual as únicas relações válidas, para a sociedade patriarcal vigente, eram as heteronormativas. Expliquei que, embora eu estivesse ministrando aulas de Artes, minha formação era em Língua Portuguesa, por essa razão tenho bastante conhecimento de obras literárias e suas abordagens. Apresentei três romances que colocam no cerne da narrativa personagens homoafetivos: “O Cortiço”(1890), de Aluísio Azevedo; “Morangos Mofados” (1982), de Caio Fernando Abreu; e “Bom-Crioulo” (1895), de Adolfo Caminha. Também fiz um resumo de cada obra.

2ª parte - Fizemos uma roda de conversa para discutir sobre as relações de oprimido e opressor e como elas aconteciam dentro da escola. Após esse momento, perguntei se, diante dos resumos das obras que apresentei, eles/as identificavam essas relações naquelas narrativas. **3ª parte** - Propus que fizéssemos a adaptação de uma das obras mencionadas para a nossa realidade e apresentássemos no Teatro Fórum. Como a proposta foi bem aceita, dei um tempo para que escolhessem, mediante o resumo que havia feito acerca de cada obra, aquela que trabalharíamos. O romance escolhido foi “O Cortiço” (1890). A justificativa foi que aquela obra possuía aspectos que se aproximavam muito de suas realidades, ou seja, a moradia em coletividade, as histórias contadas no cortiço. Diante da escolha, dei um prazo para a leitura, visto que teríamos que iniciar a preparação para a apresentação.

Figura 11: Relação oprimido-opressor



Aluna interpretando uma situação de opressão.
Fonte: Acervo pessoal (2022).

8º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte – Acolhimento: início o encontro perguntando como havia sido a semana dos/as educandos/as e logo após perguntei como estava o processo de leitura do texto que faríamos a apresentação do Teatro Fórum. Diante da resposta de que a maioria já estava com uma parte do livro lida, expliquei que faríamos a seleção dos personagens e das cenas que iríamos apresentar, bem como quem ficaria com cada papel. Essa etapa é muito produtiva, uma vez que o processo de montagem das cenas também implica um percurso de ensino-aprendizagem, pois os/as educandos/as, à medida que mudam as etapas, vão se apropriando do crescimento estético-artístico de cada uma delas. **2ª parte** - Quando começamos a discutir que cenas apresentaríamos, quais adaptações realizaríamos para ficar condizente com a realidade da escola e quem ficaria com cada personagem, notei que, com as contribuições de cada um/a, crescia uma conscientização acerca da importância do que estávamos fazendo. Neste encontro, reafirmei a necessidade de maior compromisso com o projeto, visto que, para obtermos êxito em nossa apresentação, precisaríamos do máximo de empenho e compromisso de todos os envolvidos.

3ª parte - Ficou evidente que, quando os/as educandos/as passaram a se ver como produtores da peça, a atividade fluiu. Decidimos juntos que iniciaríamos a

apresentação da peça com uma cena na qual quase todos os personagens estão reunidos no pátio do cortiço, pois assim todos os espectadores iriam se familiarizar com os personagens e com o ambiente no qual se passa a narrativa. Em seguida, decidiram que a cena seguinte seria a de Pombinha, uma das personagens homoafetivas da história, no momento em que ela se envolve com Leone, a dona do prostíbulo – mas para essa cena começamos a pensar nas adaptações necessárias para podermos apresentar em uma escola predominantemente conservadora, ou seja, um ambiente que tenta manter os eixos tradicionais como família, costumes e tradições inalterados sem possibilitar espaço para movimentos que quebrem esses padrões, na qual os espaços para debater esse tema praticamente não existem. Depois de discutirmos bastante, chegamos à conclusão de como seria toda a sequência da apresentação e que os ajustes seriam feitos à medida que faríamos os ensaios e víssemos a necessidade de realizarmos alguma mudança. Um dos educandos que mais se envolveu nas ações deu a sugestão da trilha sonora, que expus para o restante da turma opinar. Diante do envolvimento deles/as, foi perceptível como se sentiam potentes no processo de criação. A divisão dos personagens se deu da seguinte forma: Personagens principais: Pombinha e Leonie foram interpretadas por Lívia e Ana; coadjuvantes: João Romão – Pedro; Bertoleza – Bia; Jerônimo – Lucas; Rita Baiana – Jó; Piedade – Miquela; Albino – Will; Zulmira – Marcela. Vale salientar que, pelo fato de termos educandos/as menores, e o Conselho de Ética exigir a preservação de suas identidades, usarei nomes fictícios. A ação principal é a cena na qual a mãe de Pombinha descobre que ela é homoafetiva e não aceita, externa sua ira para outras pessoas do cortiço que agridem Pombinha e Leonie, o que cria um desfecho trágico. Ações secundárias: a cena na qual quase todos os moradores estão reunidos no pátio do cortiço. Outra cena é a briga de Piedade com Rita Baiana, por causa de Jerônimo. Também temos a cena do cortiço incendiando. Essas cenas foram escolhidas pensando no que se adequaria melhor a nossa realidade. Os/As demais educandos/as ficaram com o controle do som, enquanto outros escolheram ajudar com a montagem do cenário. É imprescindível ressaltar que todos/as ficaram livres para decidir se queriam participar da apresentação como atores, colaborar com a montagem.

Figura 12: Primeira leitura



Educandos/as realizando as primeiras leituras do texto. Fonte: acervo pessoal.2022

Figura 13 - A leitura continua



Realização da leitura do texto. Fonte: acervo pessoal.2022

9º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte - Acolhimento: nesse primeiro momento, perguntei como havia sido a semana dos/as educandos/as. Em seguida, fiz uma explanação de tudo que tínhamos alinhado no encontro anterior. Para que os/as educandos/as estudassem, imprimi as partes do livro que faríamos a encenação. Quando o ensaio começou, algumas mudanças começaram a surgir, pois notávamos que, para se enquadrar na realidade da escola, certas cenas teriam que sofrer adaptações, a exemplo da cena na qual Pombinha se envolve amorosamente com Leone – não teríamos como apresentá-la da forma como está no livro, já que uma parcela significativa da comunidade escolar é conservadora e não receberia bem. Sendo assim, conversamos e decidimos em conjunto que mostraríamos a cena das duas personagens centrais da nossa apresentação de forma que não causasse polêmica e que conduzisse o espectador a se posicionar sobre o desfecho dessas personagens, pois essa é a proposta do Teatro Fórum, ou seja, encenar um tema polêmico que permita a intervenção do espectador, propondo um outro desfecho. Os/As educandos/as, ao proporem as modificações, justificaram que teríamos que mostrar aos espectadores como o preconceito pode ser um veneno social, uma vez que tínhamos realizado discussões sobre isso em alguns encontros cujo tema foi gênero. **2ª parte** - Realizamos o ensaio, com os ajustes feitos. Logo em seguida, formamos uma roda de conversa, na qual refletimos sobre as falhas na encenação, que compreendemos serem normais, devendo, entretanto, ser corrigidas para a apresentação final.

Figura 14: Ensaios (I)



Realização do primeiro ensaio. Fonte: acervo pessoal.2022

10º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte - Acolhimento: dei as boas-vindas aos/às educandos/as e relembramos como havia sido o encontro anterior. Logo em seguida, propus iniciarmos o segundo ensaio; nesse momento um educando me chamou e disse que não poderia interpretar Albino, um personagem homoafetivo, uma vez que sua família é evangélica e não aceitaria. Na hora eu fiquei perplexa e sem palavras, pois aquela atitude evidenciava quão urgente se faz uma educação libertadora, que permita ao oprimido quebrar os elos de opressão, em busca de uma educação transformadora. Passados alguns minutos, informei à turma que faríamos a troca do educando que iria interpretar Albino e perguntei quem gostaria de ocupar o papel. Feita a reposição, iniciamos o ensaio, mas falei ao educando que conversaríamos a sós, ao término do encontro.

[...] quem está em cena não é apenas um personagem, mas também um sujeito contemporâneo, um igual ao que está sentado na cadeira do Teatro, um sujeito que, do ponto de vista psicológico, é inseguro, inacabado, suscetível à manipulação das forças sociais dominantes, que é o ator [...] (André, 2011, p. 42-43).

Nosso trabalho busca desconstruir, na cabeça dos/as educandos/as, essa visão patriarcal, homofóbica. No entanto, sabemos que é uma tarefa árdua e longa, uma vez que eles/as estão suscetíveis ao olhar do outro, que, muitas vezes, é opressor. À medida que ensaiávamos, os/as educandos/as expunham comentários acerca de

situações parecidas que haviam presenciado, inclusive na escola, nas quais homoafetivos eram humilhados e agredidos. Foi o caso da aluna trans que interpretou Leone e que relatou a violência física sofrida na escola em que estudava. O Teatro Fórum traz a necessidade de se colocar dentro da ação para solucionar o problema. Dessa forma, os/as educandos/as começaram a pensar em possíveis desfechos que seriam sugeridos para a peça. Ao manifestarem suas falas acerca do que enxergavam como o melhor desfecho, foram ficando evidentes as novas posturas em relação ao tema. Todo o processo construído ao longo dos encontros permitiu que eles/as reverberassem sobre a importância de buscar transformar aquilo que causa incômodo. Quando adaptamos a cena de Pombinha e Leone, as falas sofreram mudanças, mas praticamente todas as novas falas foram sugeridas pelo grupo. Ao longo dessa pesquisa, sempre houve a junção de teoria e prática, uma vez que o resultado final – a apresentação – refletisse o crescimento artístico/cultural da turma.

Figura 15: Ensaios (II)



Este foi o segundo ensaio. Fonte: Acervo pessoal.2022

11º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte - Acolhimento: dei as boas-vindas aos/às educandos/as e perguntei como havia sido a semana de todos/as. Logo em seguida relembramos o que realizamos no encontro anterior, realizamos uma breve discussão

acerca de aspectos que foram percebidos no recente ensaio e que deveriam ser melhorados. Diante da conversa que tivemos, ficou evidente como os/as educandos/as se desenvolveram, ao longo dos encontros, ao ponto de participarem ativamente de todo o processo de produção cênica para a apresentação do Teatro Fórum. No entanto, um fato ficou evidente: todos/as estavam nervosos/as e muito ansiosos/as, pois era nosso último ensaio.

As etapas do processo de montagem vivenciado pelos alunos compreendem três distintos momentos: a experimentação, quando foram feitas intervenções com diferentes materiais elaborados a partir do texto como pré-texto; o momento de seleção, que ocorre quando tudo o que foi experimentado passa gradualmente por um processo de escolhas; e a organização, etapa final dos ensaios, quando o roteiro final já foi elaborado, mas são realizadas diversas possibilidades de configuração e encadeamento das cenas. (Mendonça, 2013, p. 132)

Todas essas etapas foram muito bem vivenciadas pelos/as educandos/as, uma vez que foram aplicados jogos teatrais com o intuito de prepará-los/as para uma apresentação teatral; todos/as participaram ativa e integralmente do processo de produção cênica, desde a escolha dos figurinos e trilha sonora até as adaptações feitas no próprio texto. Durante esse ensaio, houve várias interrupções, pois alguns estavam esquecendo as falas, fato que não ocorreu com essa intensidade nos ensaios anteriores. Acredito que a tensão pela aproximação da apresentação e por saberem que estariam diante de outras pessoas tenha desencadeado aquela situação. Vendo que não estávamos evoluindo como deveríamos, parei o ensaio e fiz uma roda de conversa para tentar acalmá-los/as. Depois de ouvir as preocupações deles/as, mostrei o quanto todos/as tinham evoluído durante esse percurso e que juntos daríamos o nosso melhor. Relembrei o jogo teatral, no qual havíamos realizado uma improvisação; desse modo, se alguém na hora esquecesse uma fala, poderia improvisar. Quando acabamos a conversa, retomamos o ensaio e iniciamos a organização do local onde seria a nossa apresentação, ou seja, o auditório da escola. Para finalizar, realizamos um último ensaio com o cenário organizado e com a trilha sonora; nesse momento, todos/as estavam menos nervosos/as.

Figura 16: Os últimos ajustes



Orientações sobre os ajustes finais. Fonte: Acervo pessoal.2022

12º Encontro. Desenvolvimento: 1ª parte - Enfim, chegou o tão aguardado e também temido dia. Aguardado porque todos/as que fizeram parte deste projeto ansiavam para se verem no palco como atores; temido, pois estariam diante dos olhares de uma plateia que não era qualquer plateia, eram colegas com quem conviviam diariamente, no mesmo espaço escolar e até na mesma comunidade. A ansiedade por fazer tudo certo aumentava. Nesse dia, chegamos mais cedo, para averiguar se estava tudo organizado, como deixáramos no encontro anterior. Nossa apresentação seria na culminância das eletivas e esse evento acontece ao final de cada semestre; para tanto, a escola toda se volta para a apresentação dos projetos desenvolvidos ao longo desse tempo. Portanto, seríamos vistos por todos/as os/as educandos/as e por aqueles educadores que estivessem dispostos a nos prestigiar, pois fizemos o convite a todos/as, inclusive à Diretora da escola.

Depois que verificamos a organização do espaço, o funcionamento dos equipamentos de som e do data show, fizemos mais um ensaio para diminuir a tensão causada pela estreia. Quando a fila de educandos/as começou a se formar na porta do auditório, fizemos um momento nosso, no qual reafirmei a importância daquele acontecimento, uma vez seria uma significativa experiência para a vida de todos/as, mas principalmente porque estávamos, por meio da nossa apresentação, dando

visibilidade para uma questão tão relevante em nossa sociedade, que é a questão de gênero, invisibilizada na maioria das escolas brasileiras, inclusive na nossa. Em seguida, nos abraçamos e eu perguntei se poderia liberar a entrada dos espectadores, como define Boal. Disseram que sim e que dariam o melhor de si. Durante a apresentação, eu fui a mediadora, ou seja, o coringa que é o responsável por questionar o público a respeito do que foi apresentado no palco e é aquele que convida o público a entrar na cena e a propor novos desfechos para a apresentação que acabara de ser feita. E, para nossa felicidade, foi uma emocionante apresentação. No desfecho que adaptamos, Pombinha era gravemente agredida por moradores do cortiço, que descobriram e não aceitavam sua sexualidade. Nesse momento, congelamos a cena e eu perguntei à plateia se concordavam com aquele desfecho, e a maioria disse **não**. Sendo assim, perguntei quem poderia sugerir um novo desfecho; uma educanda e a Diretora da escola sugeriram que, ao descobrirem a homoafetividade de Pombinha, todos os moradores do cortiço, que sempre gostaram dela, a apoiassem, abraçando Leone e Pombinha. Convidei a educanda que dera a sugestão a subir no palco e atuar; ela aceitou e construiu o seguinte desfecho: quando os moradores do cortiço descobrem a sexualidade de Pombinha e a agredem, entra na cena outra moradora – no caso, ela – e mostra para todos/as o quanto estavam errados, pois Pombinha sempre os ajudara, e que ela gostar de homem ou mulher não muda sua personalidade; ela pede mais empatia e os convence de seu erro. E assim os/as educandos/as fizeram. Antes da saída dos espectadores, expressamos nossa gratidão e falamos sobre a importância do que acabáramos de realizar, não só para aqueles que estavam no projeto, mas para toda a comunidade escolar, que nunca tinha visto uma abordagem de gênero em nossa escola.

Figura 17: Chegou o grande dia!



Preparação do palco. Fonte: Acervo pessoal.2022

Figura 18: Apresentação da peça (I)



A apresentação do cortiço. Fonte: Acervo pessoal.2022

Figura 19: Apresentação da peça (II)



Os moradores descobrem que Pombinha é homoafetiva. Fonte: Acervo pessoal.2022

Figura 20: Apresentação da peça (III)



Desfecho após intervenção do público. Fonte: Acervo pessoal.2022

Em síntese, esse capítulo teve o intuito de descrever da forma mais objetiva e clara como se deu a dinâmica dos encontros, bem como os resultados alcançados como também as falhas que ocorreram para dessa forma possibilitar a aplicação dessa experiência por outros colegas professores que assim desejarem. Ao término da escrita cheguei a seguinte reflexão: Embora eu tenha escrito esse capítulo da forma mais detalhada possível ainda senti a necessidade de expor as minhas constantes reflexões acerca do que era vivenciado. Sendo assim, darei continuidade as minhas reflexões no próximo item.

2.3 MERGULHO NAS MINHAS REFLEXÕES

Neste tópico farei uma reflexão mais aprofundada do processo dessa pesquisa, bem como deixarei mais evidente minhas emoções como medo, insegurança, mas sobretudo a gratidão diante dos resultados alcançados.

Uma reflexão sobre o primeiro encontro:

Desde 2009 ministro aulas e devo confessar no primeiro contato com uma turma sinto um friozinho na barriga, mas esse encontro foi além, pois era a materialização de um sonho, ou seja, o Mestrado tomando forma, visto que essa era

a primeira aula da minha pesquisa. Na minha cabeça os pensamentos criavam asas e voavam de um lado para o outro e, às vezes até se chocavam, o que fazia o voo perder altura, mas logo em seguida voavam soberanos como águias. Esses pensamentos tomavam a forma de questionamentos que consistiam em: será que vai dar certo? Será que vou conseguir o engajamento dos educandos e educandas? Será que vou conseguir realizar minha pesquisa? eram tantas perguntas. Mas a pergunta de um educando me surpreendeu: “tia o que é Mestrado?” Lembrei, diante disso, que um dia eu também não soubera o que significava Mestrado, Doutorado e quando tomei conhecimento eu tive a certeza de que eu queria aquilo que parecia tão distante da minha realidade para minha vida. Respondi com muita satisfação e orgulho. O que vi nos olhos de alguns foi o brilho de uma chama que só acende nos olhos de quem sonha e luta para realizar seus sonhos. Depois desse momento comecei a falar sobre o teatro, bem como abordei a temática gênero e sexualidade. Sobre esta, questionei aos educandos e educandas o que eles e elas conheciam acerca do assunto, mas as respostas que tive foram vagas. No entanto, pude observar que eu estava em um território minado, uma vez que uma parcela significativa da comunidade escolar é evangélica, ou seja, falar sobre gênero não seria uma tarefa fácil. Porém como diz um ditado popular “O difícil é mais gostoso”. Convenhamos meu caro leitor: tabus foram feitos para serem quebrados. Boal afirma

O espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso. O fim é o começo! O teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!”. (Boal,2019, p.16).

Nesse dia, se abriram as cortinas para o nosso espetáculo que consistia em quebra de tabus e preconceitos. Neste cenário que começara a desenhar-se surgiu um relato sobre uma situação de homofobia dentro da escola que mostrou que eles e elas estavam começando a entender que não estávamos brincando de fazer teatro com o tema gênero, mas que por meio do teatro buscávamos transformar o oprimido e que eles e elas seriam protagonistas dessa transformação em nossa escola. Em suma, quando reflito sobre esse primeiro encontro me vejo nos dias em que cuidadosamente o planejei esperando que tudo saísse da forma que eu esperava, mas assim como no teatro a vida é constituída por situações inesperadas e que nos convidam para dançarmos conforme a música e jogarmos o jogo do improvisado como

aprendemos com os jogos teatrais. Meu caro leitor, talvez de todos os encontros que realizei esse tenha sido o que mais me permite conversar com Freire e Boal e nessa conversa a três eles me mostraram, mais que nunca, a importância de uma pedagogia libertadora que vai libertar os oprimidos dos grilhões do preconceito, das línguas que proferem ofensas e que são como chicotes que açoitam o oprimido. A Arteducação possibilita, quando bem conduzida, o grito de liberdade. O roteiro não foi cem por cento concretizado. No entanto, os caminhos que foram se desenhando saíram melhor que a encomenda, visto que olhar para aqueles educandos e educandas a maioria em situação de vulnerabilidade social e saber que eu estava lhes oferecendo uma vivência artística que possibilitaria uma visão crítica e menos conformista acerca da sociedade, foi gratificante.

Uma reflexão sobre o segundo encontro:

Esse encontro foi mais tranquilo, pois já não havia toda aquela expectativa genuína dos primeiros encontros. No entanto, sempre há aquele frio na barriga para conferir se tudo saíra como planejado, mas o mais importante, se os educandos e educandas seriam impactados positivamente com as aulas. Separei os primeiros momentos desse encontro para fazermos uma retomada do encontro anterior, uma vez que nossos educandos e educandas têm um déficit de aprendizagem significativo. Dessa forma, é necessário sempre fazer as conexões entre os temas abordados em cada aula. Desde o início planejei intercalar os encontros entre abordagem teórico/discursiva, bem como aulas práticas com o intuito de tornar nossas aulas menos monótonas e semelhantes com as vivenciadas diariamente. Os jogos teatrais foram peças essenciais nesse processo. No livro **Jogos para atores e não-atores**,

muitos jogos, exercícios e técnicas deste livro são inventados, originais e completamente novos. Alguns outros, antigos, foram modificados para melhor servirem ao nosso objetivo, isto é, desenvolver em todos a capacidade de se expressar através do teatro. (Boal, 2008, p.10)

Dessa forma, é possível notar a relevância dos jogos teatrais no processo de desenvolvimento das habilidades teatrais mesmo daqueles que nunca tiveram contato com tal arte. Para escolher os jogos sempre priorizo aqueles que envolvam toda a turma, visto que uma das nossas maiores dificuldades em sala de aula é conseguir a participação de toda a turma, sendo assim, procuro sempre uma atividade que exija a

participação coletiva. O primeiro jogo que foi realizado com os educandos tinha por objetivo desenvolver as seguintes habilidades: trabalho em grupo, sincronia, memorização. Notei como todos se divertiam, inclusive, quando os colegas não conseguiam executar o exercício. No entanto, quando montei a roda de conversa para falarmos sobre a experiência vivenciada ficou evidente que não haviam entendido a relação do que acabávamos de realizar e o teatro, desse modo, fui conduzindo todos a raciocinarem como no teatro precisamos trabalhar em grupo e para obter sucesso o grupo precisava estar em sintonia, bem como precisamos de uma fundamental habilidade, isto é, a memorização e todos esses elementos estavam presentes no jogo. Meu caro leitor, eu dizia para mim: é um trabalho de formiguinha e o caminho será árduo, mas não posso desistir, pois em toda a trajetória escolar de todas e todos presentes ali era a primeira vez que tinham esse contato com uma aula de Arte que não propunha a elas e eles que fizessem um artesanato sem nenhuma finalidade educativa, apenas, para obtenção de nota. Praticamente todos os educandos e educandas que fizeram parte da minha pesquisa estão em situação de vulnerabilidade social. Portanto, em que momento teriam esse contato com o teatro se eu desistisse mediante as dificuldades? Diante de situações como essas e tantas outras é compreensível que uma grande parcela do sistema educacional público seja tão medíocre. Há os que dizem: “A educação muda o mundo”. Mas prefiro as palavras de Freire: “Educação não muda o mundo: educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Essa é minha contribuição, ou seja, oferecer a melhor aula dentro das minhas limitações para que esses meninos e meninas possam transformar, pelo menos, seus mundos. Para Boal,2019,p.xi “O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade.” Enfim, esse foi mais um encontro cheio de reflexões e emoções que me fizeram perceber que estou no caminho certo.

Uma reflexão sobre o terceiro encontro:

Nesse terceiro encontro não teve a presença dos jogos, pois foi o momento de deixarmos o teatro contar sua história e em especial o Teatro do Oprimido. O primeiro momento foi para sondar o que eles e elas sabiam sobre o assunto. Contudo a ideia que tinham era que teatro só podia ocorrer em um prédio e a encenação feita por pessoas que nasciam com o dom de atuar. Dessa forma, eu precisava desmistificar essa ideia, então, mostrei que teatro se fazia em qualquer lugar e para tanto coloquei

o vídeo Relâmpio- teatro de rua em São Paulo. Em seguida fui contando, de forma concisa por causa do tempo, a história do teatro. Mas acredito que o momento mais impactante foi falar sobre o Teatro do Oprimido, visto que houve um divisor de águas, ou seja, eles e elas saíram do encantamento para um momento de refletir sobre suas próprias realidades e isso, muitas vezes, é doloroso, pois mexe em feridas da alma que doem profundamente. Comecei falando quem foi Boal e a trajetória do Teatro do Oprimido, todos me olhavam imóveis como se naquele momento se identificassem como oprimidos; foi um momento de autorreflexão. Foi um momento ímpar já que nossos educandos e educandas dificilmente parecem se interessar por alguma aula. Entretanto, não os culpo, visto que a maioria vem de famílias desestruturadas e sem muita expectativa de um futuro promissor por meio da educação ou mesmo porque passaram praticamente toda a trajetória escolar com profissionais que não levavam a sério seu trabalho causando nesses educandos a pior impressão acerca das aulas de forma geral. Mas a cereja do bolo foi o nosso momento de conversar sobre esse encontro, pois ali percebi o quanto eles e elas haviam entendido o que acabara de acontecer, isto é, se darem conta de o quanto eram oprimidos em vários contextos de suas vidas e como o teatro poderia ser importante para vencer esse ciclo de opressão. Esse foi um momento de aproximação entre suas experiências de vida e a proposta da pesquisa, esse encontro provocou uma onda de reverberação sobre o ambiente no qual viviam, mas que nunca haviam atentado. Abriu-se a cortina da compreensão, pois ampliei o campo de percepção deles e delas.

Uma reflexão sobre o quarto e quinto encontros:

Quarto e Quinto encontros: julgamentos equivocados que generalizam as aulas de Artes são comuns dentro e fora da comunidade escolar e essa postura se deve, principalmente, pela forma como são tratadas essas aulas pelas instâncias educativas, ou seja, como sendo um componente curricular menos importantes que os demais e que qualquer professor sem formação na área pode ministrar essas aulas. Dessa forma, tais aulas se tornam improdutivas. Os jogos teatrais que trago para os encontros trazem consigo um tom de leveza e ludicidade. No quarto encontro o jogo escolhido proporcionou uma experiência singular tanto para mim como para eles, pois formei duplas, mas para tanto permiti que escolhessem uma pessoa com quem tivesse afinidade e essas duplas deveriam se observar. Quando o jogo começou comecei a pensar cá com meus botões: esses jovens passam o dia todo juntos de

segunda a sexta, entretanto quantas vezes eles, realmente, se olham ou notam uma característica do colega com o qual dividem a maior parte dos seus dias? Isso ficou bem evidente nesses instantes que se passavam ali bem diante dos meus olhos. Acredito que não na mesma proporção que eu, mas muitos deles puderam direcionar olhares para seus colegas de uma forma especial, pois puderam ver detalhes durante tanto tempo despercebidos. Na busca por um melhor envolvimento dos educandos e educandas eu sempre inicie os jogos mostrando a execução deles, sendo assim, eu sempre saio do lugar de educadora e vou para o lugar de educanda e essa é uma sensação gratificante, uma vez que deixo por instantes o papel só de ensinar e aprendo com eles e elas. É sem sombra de dúvidas um instante de cumplicidade tão necessária para o sucesso de quaisquer relações de sucesso. O olhar para o outro é essencial para compreendermos nossa construção social. No entanto, conforme Boal “Algumas pessoas são incapazes de ver, sentir e compreender sutilezas existentes em outras culturas que não a sua, ou mesmo na sua própria. E, se não as veem, decretam que não existem” (Boal 2019, p.23). Durante nossas conversas no final dos encontros eu conseguia ter maior percepção do que os educandos haviam absorvido. Desse modo, ao término desses encontros percebi que estava mais próxima dos meus objetivos, isto é, o crescimento educacional do meu grupo de pesquisa. O amadurecimento intelectual e crítico é lento, mas estava começando a despontar e o mais importante é que naquele contexto estavam sendo construídas memórias não, apenas, individuais, mas coletivas e cada um ali contribuiu de forma singular para essa construção.

Uma reflexão sobre o sexto encontro:

Começo a narrativa desse sexto encontro com uma breve reflexão: A vida pode ser como um espetáculo teatral em vários aspectos, mas, em especial, no que tange a repetição de ações, é como se nos víssemos dentro do filme tempos modernos de Chaplin no qual o ser humano é mecanizado. Nossos educandos e educandas estão habituados às mesmas práticas mecanizadas nas aulas e tudo que os conduz para fora desse movimento mecânico encontra resistência. Essa mecanização no contexto escolar torna as aulas desprovidas de sentido e prazer.

No sentido mais arcaico do termo, porém o Teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem a si mesmos em ação. Os humanos são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos.

Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como agora e se imaginar como serão amanhã. (Boal, 2008, p.14).

O Teatro, mesmo em tão curto espaço de tempo, vinha proporcionando aos educandos e educandas do grupo de pesquisa essa nova forma de olhar a vida e isso ficava mais evidente a cada encontro, nesse foi possível observar que eles e elas conseguiram, dentro dos seus limites, construir um diálogo entre o Teatro Fórum que seria o nosso foco e o tema Homofobia e Transfobia. No interior costuma-se usar o seguinte ditado popular: “saiu melhor que a encomenda” para dizer que algo saiu melhor do que o esperado e assim foi a conversa que tivemos ao final das aulas. Eles e elas entenderam a relevância do tema para nossa escola ao ponto de começarem a expor as situações homofóbicas que já haviam presenciado na escola e como poderiam contribuir através do nosso teatro para que situações como aquelas não fossem normalizadas em nosso ambiente escolar. Esse é outro aspecto pedagógico dessa pesquisa, isto é, aumentar a capacidade de percepção dos educandos e educandas. Dessa forma, expandir o senso crítico, romper as barreiras do patriarcado que os oprime historicamente há séculos.

Uma reflexão sobre o sétimo encontro:

Falar sobre obras literárias me causa um grande prazer, pois além de ser formada em Letras desde criança eu via na Literatura uma rota de fuga da minha escassa realidade. Eu viajava com minhas personagens preferidas, ficava brava por elas e me apaixonava também. Meus caros leitores, sou uma pessoa apaixonada que se entrega demais a tudo que faz. Desse modo, nesse sétimo encontro mergulhei no profundo mar de minhas memórias para falar das obras literárias que abordavam o tema homoafetividade. Permitam-me fazer-lhes uma confissão: Tudo que fazemos com paixão flui e se torna leve. Expus para meus educandos e educandas como foi minha primeira leitura de “O cortiço” e como eu me identificava com a obra, uma vez que se parecia com minha em vários aspectos como: os atritos, as vezes que minha vó e minhas tias ficavam em volta de bacias lavando roupas e falando da vida de outras pessoas enquanto meus primos e eu brincávamos ou os conflitos amorosos que vez ou outra eu ouvia elas comentando, mas quando percebiam que estávamos ouvindo logo diziam: saiam daqui porque é conversa de gente grande. Esse mergulho me causou uma profunda nostalgia. Tem um ditado popular que diz: “ninguém nunca toca na água de um rio por mais de uma vez” análogo a isso é a leitura, visto que

todas as vezes que lemos o mesmo livro o faremos de formas distintas, pois seremos pessoas com maior senso crítico ou em estados emocionais diferentes o que também interfere na interpretação, enfim, nunca faremos a mesma leitura. Sendo assim, falei sobre as minhas impressões na primeira leitura sobre “O Cortiço” e como anos depois sendo uma leitora mais madura eu via essa obra sob outra perspectiva. Os comentários que surgiram foram ótimos, pois assim como eu outrora eles e elas se familiarizaram com a narrativa por verem parte de suas realidades narradas na obra. Esse primeiro momento foi essencial já que permitiu quebrar o clima de seriedade que viria logo após quando começamos a falar sobre as relações de oprimidos e opressão nas relações de gênero e como esse assunto se apresentava na obra O Cortiço, bem como em outras obras da Literatura Nacional. Expliquei a importância de tais obras dentro de um contexto no qual predominavam narrativas heteronormativas e a conversa fluiu. Mas não faltou o nosso momento lúdico com os jogos teatrais por meio dos quais eles e eles se sentem que estão de fato fazendo teatro. Percebo que na visão deles ainda predomina a ideia que precisam atuar para fazer teatro sem atentar para o processo. É difícil desconstruir uma ideia arraigada, porém com paciência e amor alcançamos o nosso propósito. Não descreverei outros detalhes desse encontro, pois já foram mencionados no capítulo dois. Entretanto, preciso frisar como notei que em dois momentos senti os educandos e educandas mais tocados emocionalmente, isto é, quando tiveram que interpretar o papel do oprimido que propus e quando passei o vídeo de Pablio Vittar no qual é abordado a opressão de gênero. Esse foi um momento de catarse para todos nós.

Os sentimentos estimulados pelo espetáculo trágico não são removidos de maneira permanente e definitiva, acrescenta Bernays, embora nos tranquilizem durante algum tempo. Assim, o teatro oferece uma descarga inofensiva e agradável para os instintos que exigem satisfação e que podem” na ficção do teatro ser tolerados muito melhor do que na vida real. (Boal,2019, p. 51)

O teatro trouxe para nossos educandos a possibilidade de problematizar um tema relevante e vivenciar essa problemática por meio da reflexão, da criação e da fruição o que conseqüentemente gera crescimento pessoal e social.

uma reflexão sobre o oitavo encontro:

Esse é um momento muito especial, visto que falaremos sobre o processo de produção da nossa apresentação, o contato inicial com nossa peça, a escolha das

personagens, a escolha das cenas, da trilha sonora, das roupas, enfim, os educandos e educandas passaram a se ver criadores, protagonistas e isso os conduz às experiências que os fazem crescer. Esse encontro foi construído pela euforia e eu diária até que foi uma grande algazarra, pois primeiro decidimos quem iria encenar, pois nem todos quiseram encenar e por isso optaram por ajudar na organização do cenário e na produção em geral do nosso espetáculo. Eles e elas -não apenas- escolheram quais personagens iriam interpretar, mas davam sugestões aos colegas dizendo que tal colega combinava mais com tal personagem. E as cenas? Ah, essas foram escolhidas levando em consideração o tempo que tínhamos e principalmente aquelas que abordavam o tema homoafetividade. Um educando sugeriu começarmos a peça com uma cena do cortiço na qual os moradores estão reunidos próximos às lavanderias e acontecia uma confusão por causa de um adultério, mas com pequenas adaptações para a realidade da peça. Tudo foi fluindo muito bem com sugestões para trilha sonora e para todos os aspectos de montagem da peça. Eles e elas pareciam produtores teatrais e eu cheia de orgulho, visto que eu via ali a construção de um prazeroso espaço de diálogo entre teatro e educação oferecendo a eles e elas novas possibilidades. Foram geradas discussões da construção cênica que duvidei, no início, ser capaz de realizar. Naqueles instantes não parecia que estavam em um território desconhecido, muito pelo contrário, pareciam ter bastante conhecimento dentro de suas possibilidades. Os estímulos gerados pelos jogos teatrais fizeram com que os educandos e educandas despertassem para esse universo de criação de fruição. E assim partimos para a próxima etapa, ou seja, os ensaios.

Uma reflexão sobre o nono encontro:

As instituições de ensino trazem consigo a noção de pluralidade e nessa perspectiva pressupõe-se a noção de multiplicidade, de diversidade. No entanto, na prática cotidiana não se verifica essa premissa. Mas esse momento foi especial, visto que estávamos iniciando os ensaios e ali a pluralidade se fazia presente, bem como o oprimido saía desse lugar de opressão. Será que é porque os educandos deixavam naquele momento seus personagens no enredo da vida para viverem aqueles com os quais de algum modo se identificavam na ficção? No ensaio eles tinham a possibilidade de experimentar, errar, acertar sem ainda estarem sob o julgamento de uma plateia, uma vez que o olhar do outro sempre causa receio. Foi um momento ímpar de descontração. Existe um sentimento no ser humano que o impossibilita de

viver, de ser quem ele é na essência que, muitas vezes, o conduz a caminhos tortuosos e que o impede de bater asas e voar. Esse sentimento é o medo. Nesse encontro eu o vi de duas formas: uma era nos olhos daqueles educandos que gostariam de estar ensaiando, mas o medo do olhar do outro os travou e o medo existente naqueles que ousavam vencer seus próprios medos e ao invés de serem dominados conseguiram dominar esse perverso sentimento. Cada frase que eles mostravam orgulhosos que conseguiram decorar uma fala ou mesmo quando uns ajudavam os outros com relação a interpretação do personagem inflavam meu coração de alegria, pois eu percebia que o trabalho não fora em vão. Os frutos começavam a brotar. As discussões sobre o que vestir e os palpites dados uns aos outros me faziam rir. “será que vou conseguir tia Su?” era a pergunta mais frequente e eu com muita convicção respondia: vocês são capazes de fazerem o que quiserem, basta acreditar. Encerro minhas reflexões acerca desse encontro com uma certeza: o envolvimento dos educandos naquele momento rompeu com a efemeridade de todas as coisas para alcançar a eternidade de suas memórias.

Uma reflexão sobre o décimo e décimo primeiro encontros:

O pequeno príncipe é uma obra pela qual sou apaixonada e tem nele uma frase que diz: “o essencial é invisível aos olhos” nesses encontros essa frase se tornou uma verdade para mim, visto que eu enxergava com os olhos da alma a satisfação que aquelas aulas estavam proporcionando aos educandos e educandas envolvidos. Lembram meus caros leitores, quando mencionei na narrativa de um dos encontros o fato de um dos educandos ter dito que achava que atuar era, apenas, para quem nascia com dom? Nesses ensaios eu os via se sentirem atores e atrizes esquecendo completamente o medo que os afligia no início dessa aventura. Mas toda aventura tem os percalços e o preconceito é sempre o nosso maior obstáculo e o mais temido vilão. Nesses encontros um dos nossos educandos desistiu do seu papel, pois sua religião não aceitava que ele interpretasse um homoafetivo. Essa foi uma situação triste para os todos os envolvidos. No entanto, conversamos e escolhemos outra pessoa para o papel e seguimos firmes nas nossas próprias fraquezas. Aqueles ensaios se tornaram momentos de catarse não apenas para os educandos e educandas, mas para mim também, visto que todos tinham a liberdade de externar experiências opressoras vividas e assim o faziam. Era o momento de triunfo sobre seus próprios fantasmas. O penúltimo encontro que agora começo a contar-lhes meus

amigos leitores, trazia uma atmosfera agitada, parecia haver um movimento de desprendimento dos tabus que os perseguiram a vida toda. A obrigação agora não era mais agradar e se moldar aos padrões impostos pela sociedade opressora, mas conferir significado a suas vidas.

Uma reflexão sobre o último encontro:

As cortinas estão prestes a se abrirem e o espetáculo começar. Eu acredito que esse tenha sido o único momento de protagonismo na vida de muitos dos educandos e educandas que estavam ali no palco. Meu caro leitor, devo fazer-lhe uma confissão: como eu gostaria de ter o poder de saber o que se passava de fato na cabeça daqueles jovens. Por um instante, durante a organização para a apresentação, parei e comecei a reconstruir na minha memória todos os momentos desde o primeiro encontro, os medos, as inseguranças, os questionamentos sobre se daria certo ou não, a satisfação alcançada quando uma atividade proposta era acolhida pelos educandos e educandas. Nos desenhos animados que falam de bruxas vemos elas prepararem suas poções mágicas em caldeirões nos quais coloca-se vários ingredientes. Esse caldeirão era eu, pois em mim foram depositadas várias pitadas de emoções diferentes que misturadas produziram orgulho e alegria, essa era a minha poção mágica. Eu poderia narrar como foi a apresentação, mas parte disso já foi feito no capítulo anterior. Portanto, aqui quero prender-me as impressões deixadas, a fruição das emoções. Para alguns a ficção e realidade se misturavam naquele momento, visto que interpretavam personagens oprimidos assim como eles e elas na vida real, ou melhor, o que era real e o que era ficção? A plateia composta por educandos e educandas, bem como pela direção da escola assistia à apresentação de forma perplexa e reflexiva. A neblina do preconceito se dissolvia para dar espaço ao brilho dos olhares acolhedores e mais dispostos ao entendimento acerca das diferenças. Aquele mais parecia um momento de catarse. No final da apresentação os olhares dos meus queridos atores e atrizes pareciam navios que tinham encontrado um norte. O fardo da vida de opressão que eles e elas conviveram por tanto tempo parecia naquele instante ter desaparecido. O som dos aplausos era uma doce melodia nos ouvidos que outrora só ouviam o som do medo, da insegurança. Enfim, dentro das nossas limitações aquele momento foi um sucesso. CONSEGUIMOS! E o que fica é a certeza que sempre vale a pena tentar fazer a diferença na vida de alguém. No entanto, a pessoa mais presenteada fui eu que acompanhei esse processo de

evolução e evolui mais que os educandos e as educandas. O que parece ser o fim é o início de outros episódios que virão. Meu amigo leitor, será que nos encontraremos nos próximos capítulos? Talvez sim, talvez não, de qualquer forma dividir com vocês uma parte de momentos tão importantes para minha vida. Logo darei notícias, até breve!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa história teve início quando recebi a incumbência de ministrar aulas de Artes sem formação na área. Desse modo, nasceu em mim uma inquietação para ir buscar essa formação. Entretanto ainda faltava uma oportunidade, o que mudou no ano de 2021 com a seleção para o PROF-ARTES que realizei e passei. O intuito desde o início foi realizar uma pesquisa que tivesse Teatro e Literatura no cerne dela, mas tive uma grata surpresa em uma conversa com meu orientador que propôs incluir na pesquisa o tema gênero, visto a relevância dessa temática para a construção de uma sociedade justa e igualitária para todos e todas. Vale ressaltar que meu trabalho de conclusão de curso da graduação foi com a temática de gênero, sendo assim, incluí-la seria uma extensão gratificante. Durante as aulas do Mestrado fui apresentada ao Teatro Fórum de Augusto Boal e devo confessar que foi amor à primeira vista, visto que a ideia cerne desse teatro converge com a minha proposta, ou seja, a partir dos três pilares que embasam minha pesquisa, levar para os meus educandos e educandas uma postura reflexiva e ,consequentemente, graduais mudanças em nossa comunidade escolar no trato com as questões de gênero e sexualidade, bem como a quaisquer questões que os fizessem sentir-se oprimidos de alguma forma. O teatro fórum propõe levar para a cena um tema polêmico que possibilite ao público posicionar-se, como também ao final propor um novo desfecho para a encenação. Foi exatamente isso que busquei durante todo o processo da minha pesquisa, isto é, o entendimento, tanto do meu grupo de pesquisa quanto dos demais educandos e educandas da escola, bem como do corpo docente, sobre os males acarretados por posturas preconceituosas. Desse modo, essa pesquisa teve como objetivo geral discutir sobre o desenvolvimento de um processo pedagógico e artístico que articula a linguagem artística do teatro e da literatura, de forma interdisciplinar, para o trato transversal de questões de gênero, como intervenção pedagógica. Como objetivos específicos teve: relacionar o teatro do oprimido de boal, em especial o teatro fórum, com a prática de jogos teatrais de Spolin, nas aulas de artes, como possibilidade lúdica de tratar questões de gênero e sexualidade, na perspectiva do oprimido; contextualizar a escola-campo para a compreensão da necessidade do trato das questões de gênero, principalmente, sobre a homoafetividade e os conflitos escolares advindos dessas questões, considerando uma intervenção pedagógica como experiência; relatar a experiência das aulas de artes transversalizadas com o tema

gênero e sexualidade, considerando-a como intervenção pedagógica na escola-campo; refletir sobre a práxis docente a partir da experiência da intervenção pedagógica. Existia em mim uma dúvida desde o início dessa jornada que consistia em: será que irei conseguir alcançar os objetivos propostos. No entanto, refletindo sobre todo o processo vejo com imensa alegria e orgulho que a meta foi alcançada.

Outro aspecto relevante da minha pesquisa foi levar para a escola aulas de Arte que não tivessem, apenas, o intuito de atribuir uma nota para os educandos e que, praticamente, sempre é ministrada por educadores sem nenhuma formação na área. Todo início é difícil, mas no meu caso, todo o processo foi difícil. Primeiramente, vale salientar que para mim foi um desafio enquanto professora de Português ministrar aulas de Artes. Desse modo, tanto os meus educandos e educandas quanto eu estávamos construindo um caminho de conhecimento, cheio de espinhos e pedras, no entanto muito gratificante. Houve momentos nos quais choramos juntos como quando fomos impedidos de apresentarmos nossa peça para um grupo de diretores, pois, para o nosso vice gestor, o tema homofobia era impróprio para os convidados que receberia em nossa escola. Essa foi só mais uma pedra em nosso caminho, porém ela não tirou o brilho do nosso trabalho, pelo contrário, nos possibilitou enxergarmos a dimensão da nossa pesquisa. Os grilhões do preconceito e do patriarcado não poderiam mais nos silenciar, invisibilizar e oprimir.

Foi um árduo caminho percorrido, contudo foram muitas as conquistas alcançadas para a arte/educação como para a educação como um todo. Mais do que nunca as dificuldades ficaram evidentes, ou seja, estruturas físicas, condições de trabalho, enfim, aspectos com os quais lidamos diariamente, no entanto, deixou evidente que quando queremos fazemos a diferença. Essa experiência avivou em mim a paixão pela docência e o fortalecimento da convicção de que eu tinha escolhido a trajetória certa. Em um depoimento que um educando do grupo de pesquisa gravou para o dia dos professores ele disse que eu era fonte de inspiração para ele e que, inclusive, iria tentar a o curso de Artes cênicas por tudo que havia experienciado no projeto. Outro dia postei uma foto no instagram e ele colocou: “minha inspiração”. Se existe recompensa maior e melhor que essa eu desconheço.

Hoje, escrevendo minhas considerações finais, resgato na minha memória aquela garotinha sonhadora, cheia de dificuldades, mas que nunca desistiu de seus sonhos. O primeiro dia de aula no Mestrado me fez chorar enquanto os professores

realizam uma dinâmica com a nossa turma. Eles pediram que olhássemos para um ponto bem pequeno no centro de uma folha branca e naquele momento toda minha trajetória passou diante dos meus olhos. Quantas vezes me imaginei naquele lugar e ao mesmo tempo era tomada por uma insegurança que me dizia que aquele espaço não era para mim. Contudo, ali estava eu, não segurei, elas vieram: as lágrimas! Elas rolaram sem que eu as pudesse controlar.

Durante a leitura desse texto construí com vocês meus amigos leitores um diálogo e não poderia encerrar sem uma última conversa. Sendo assim, expressei meu mais profundo agradecimento pela compreensão e companhia durante minha jornada. Desejo que voltemos a nos encontrar em mais um capítulo dessa minha caminhada. Até breve!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro pós-dramático na escola** (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro na sala de aula). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017, que institui a Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília: DF, 2017.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BOHN, Letícia Ribas Diefenthaele e; SILVA, Carla Clauber. **Processos de avaliação em arte no ensino básico**: provocações, inquietudes e reflexões. Joinville-SC, Univille, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. de João Wanderley Geraldi. *In: Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Campinas-SP: Unicamp, 2002. Disponível em <http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/larrosa-jorge-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-de-experiencia/view>, acesso em 25/05/2023.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2010.

CARDOSO, Edi. **Relâmpio** - teatro de rua em São Paulo. Youtube, 29 de out. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUy-BNkYxT4&t=106s>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

FERREIRA, Sueli. *In: _____* (org). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 10. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

FINCO, Daniela; SOUZA, Adalberto dos Santos; OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de (Orgs). **Educação e resistência escolar**: gênero e diversidade na formação docente. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. 1. ed. São Paulo: Reviravolta, 2016.

MARTINS, Marcos Aurélio Bulhões. Dramaturgia em jogo: uma proposta de criação e aprendizagem do teatro. *In: V CONGRESSO DA ABRACE, Anais*. V. 9, n. 1, Belo Horizonte-MG: UFMG, 2008 – Disponível em

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/75>, acesso em 29/05/2023.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação**: Possibilidades diante do fracasso escolar. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 2010.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Arte. Brasília: MECSEF, 1998.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco**: ensino médio. Recife: A Secretaria, 2021, 695p.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária e outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte-MG: RHJ, 2009.

SINISTERRA, José Sanchis. **Da literatura ao palco**: dramaturgia de textos narrativos. Trad. de Antonio Fernando Borges, 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Anos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 28-36.

APÊNDICES

O cronograma de atividades apresentado a seguir foi estruturado na primeira fase da pesquisa, durante o final do ano de 2022. Conta com os seguintes elementos estruturais: programação da data da realização da aula/encontro; objetivos do encontro-aula; Conteúdos programados e as atividades (que compreendem atividades avaliativas ou de conferência de aprendizado).

Aulas	Objetivos	Conteúdos	Atividades
01 06/09/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o tema e aspectos da pesquisa; - Familiarizar os educandos com os temas abordados; - Mostrar como será o processo da pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Teatro; - Gênero. 	<ul style="list-style-type: none"> - Roda de conversa com os educandos para debater o que eles apreenderam do encontro.
02 13/09/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a expressão corporal; - Despertar a consciência da importância da interação de todos os elementos que compõe uma cena; - Estimular a participação de todo o grupo nos exercícios teatrais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de resumo da aula anterior; - Jogos Teatrais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios teatrais; - Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.
03 20/09/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar um dos temas propostos pela pesquisa. - Enriquecer a base teórica dos educandos acerca do tema. - Aumentar a percepção da importância do nosso trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de resumo da aula anterior; - Resumo da história do teatro e do Teatro do Oprimido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

04 27/09/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar os/as educandos/as para atuação teatral; - Estimular a participação de todos os/as educandos/as do grupo de pesquisa; - Estimular a capacidade de observação dos/das educandos/as; - Despertar nos/nas educandos/as a percepção de como os elementos da cena devem interagir. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de resumo da aula anterior; - Jogos teatrais. 	<ul style="list-style-type: none"> -Exercícios teatrais; -Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.
05 04/10/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a participação de todos/as os/as educandos/as do grupo de pesquisa; - Estimular a capacidade de improvisação; - Permitir a liberdade de criação dos/das educandos/as. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de resumo da aula anterior; - Jogos teatrais 	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios corporais; - Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.
06 11/10/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar de forma mais detalhada o Teatro Fórum, bem como expor e discutir os temas: Homofobia e Transfobia; - Discutir como esses temas estão presentes na escola; - Refletir sobre a relação Teatro Fórum e os temas Homofobia e Transfobia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Teatro Fórum: conceito e contextualização; - Homofobia e Transfobia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreciação de vídeos sobre os temas em pauta; - Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.
07 18/10/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Selecionar o texto para a apresentação do Teatro Fórum; 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação oprimido e opressor e sua 	<ul style="list-style-type: none"> - Aula expositiva dialogada;

	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir a relação oprimido e opressor na perspectiva de gênero; - Apresentar as obras literárias que abordam a temática gênero, bem como justificar tal escolha. 	<p>relação com o tema gênero;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Obras literárias que abordam o tema gênero. 	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre o que foi exposto; - Escolha do texto para montagem do Teatro Fórum.
08 25/10/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir o texto selecionado e partes que serão apresentadas; - Definir os papéis, montagem da peça, figurinos e trilha sonora. 	- Montagem de uma cena.	- Roda de discussão para discutir a composição da encenação e todos os elementos envolvidos na produção para o Teatro Fórum.
09 01/11/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar o primeiro ensaio para a encenação; - Discutir os ajustes necessários para a peça. 	- Ensaio teatral.	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiro ensaio; - Roda de conversa para discutir os ajustes necessários.
10 08/11/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar o segundo ensaio para encenação; - Alinhar os elementos da peça. 	- Ensaio teatral.	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo ensaio; - Roda de conversa para realizar ajustes.
11 22/11/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar o último ensaio; - Alinhar os detalhes finais como: montagem de cenário, organização do espaço para a apresentação etc. 	- Ensaio teatral.	<ul style="list-style-type: none"> - Último ensaio; - Ajustes dos detalhes finais.
12 22/11/2022	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a apresentação do Teatro Fórum para o corpo docente e discente da escola; - Refletir sobre o processo e o aprendizado 	- Apresentação do Teatro Fórum.	- Apresentação da peça.

	construído ao longo dos encontros.		
--	------------------------------------	--	--

A partir do plano de atividades, criei os planos de aula. Os planos relatados a seguir, contém os seguintes elementos: Componente curricular, ano, turma, duração das aulas, introdução, objetivos, conteúdo, metodologia, recursos didáticos, avaliação e referências.

1º Encontro: 06/09/2022

PROF-ARTES/UFPB - Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional da Universidade Federal da Paraíba

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: duas aulas de cinquenta minutos cada.

1. Introdução

O teatro é uma importante manifestação artística que pode propiciar aos educandos uma vivência cultural imprescindível para uma formação cidadã, sobretudo quando, no contexto escolar, as atividades teatrais abordam situações com as quais os educandos se identificam. Com relação ao tema gênero, devemos ressaltar a importância sociocultural de implantarmos em nossas práticas docentes ações de inserção dessa temática, uma vez que percebemos com muita frequência uma tentativa, em muitas escolas, de silenciamento desse assunto.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Apresentar o tema e aspectos da pesquisa;

Específicos

- Familiarizar os educandos com os temas abordados;

Mostrar como será o processo da pesquisa.

3. Conteúdo

Teatro e Gênero.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1. ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

2º encontro: 13/09/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Teatro/Jogos Teatrais.

1. Introdução

Os jogos teatrais possibilitam ao educando, dentre tantas outras habilidades e competências, a de trabalhar em coletivo e de forma interativa, para que compreendam que o trabalho grupal otimiza o sucesso da atividade proposta. Para a metodologia do Teatro do Oprimido, o primeiro passo é conhecermos o nosso corpo,

pois muitas pessoas não têm facilidade de realizar expressões corporais. Dessa forma, os exercícios teatrais se tornam imprescindíveis para tornar esse corpo expressivo.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Estimular a expressão corporal.

Objetivos Específicos

- Despertar a consciência da importância da interação de todos os elementos que compõem uma cena;
- Estimular a participação de todo o grupo nos exercícios teatrais.

3. Conteúdo

- Apresentação de resumo da aula anterior;
- Jogos Teatrais.

4. Metodologia

Aula expositiva dialogada e prática corporal/jogo corporal.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Texto e Jogo**. São Paulo, Perspectiva, 1996.

3º encontro: 20/09/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Teatro

1. Introdução

De acordo com os PCN, “o teatro favorece aos jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, ideias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização”. Verifica-se desse modo, a importância dessa manifestação artística para a formação de um indivíduo. Entretanto, entre o que preveem os Parâmetros Curriculares e a prática vivenciada em uma significativa parcela das escolas, sobretudo públicas, há uma enorme lacuna, mas a partir de ações que visem a uma formação artística/cultural dos/as educandos/as, essa realidade pode ser transformada.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Contextualizar um dos temas propostos pela pesquisa.

Objetivos específicos

- Enriquecer a base teórica dos educandos acerca do tema.
- Aumentar a percepção da importância do nosso trabalho.

3. Conteúdo

- Apresentação de resumo da aula anterior;
- Resumo da história do teatro e do Teatro do Oprimido.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

O ensino das artes: construindo caminhos. 10. ed. Campinas-SP: Papirus, 2012.

CARDOSO, Edi. **Relâmpio** - teatro de rua em São Paulo. Youtube, 29 de out. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUy-BNkYxT4&t=106s>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

4º encontro: 27/09/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Teatro

1. Introdução

Os encontros têm alternado práticas corporais e teoria, visando atender, da melhor forma possível, as necessidades dos/as educandos/as, uma vez que levei em consideração a realidade da escola alvo.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Preparar os/as educandos/as para a atuação teatral.

Objetivos específicos

- Estimular a participação de todos/as os/as educando/as do grupo de pesquisa.
- Estimular a capacidade de observação dos/as educandos/as;
- Despertar nos/as educandos/as a percepção de como os elementos da cena devem interagir.

3. Conteúdo

- Apresentação de resumo da aula anterior;
- Jogos teatrais.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada e prática corpo/jogo corporal.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador e caixa de som.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação**: Possibilidades diante do fracasso escolar. 1. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2010.

5º encontro: 04/10/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Jogos teatrais.

1. Introdução

Conforme o Currículo de Pernambuco, uma das habilidades que devem ser desenvolvidas nas aulas de artes é “utilizar diferentes matérias, suportes e linguagens para realizar experiências estéticas, expressando suas identidades, sensibilidades e percebendo seu potencial transformador e de valorização cultural e social”. Recorri ao Currículo de Pernambuco, uma vez que a escola alvo da pesquisa fica localizada neste Estado. É relevante verificar a forma como esse documento propõe o ensino de

Artes. Verificamos que os jogos teatrais utilizados como instrumentos metodológicos possibilitam desenvolver, dentre outras habilidades, as supracitadas.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Estimular a participação de todos/as os/as educandos/as do grupo de pesquisa

Objetivos específicos

- Estimular a capacidade de improvisação;
- Permitir a liberdade de criação dos/as educandos/as.

3. Conteúdo

- Apresentação de resumo da aula anterior;
- Jogos teatrais.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada e prática corpo/jogo corporal.

5. Recursos Didáticos

Som

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

6º Encontro: 11/10/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: O teatro Fórum, Homofobia, Transfobia.

1. Introdução

O Teatro Fórum se configura como uma prática teatral na qual se aborda uma temática polêmica, em que a lacuna existente entre espectador e atores é desfeita, uma vez que, no momento da apresentação, é requisitada a participação de espectadores na cena. Essa intervenção tem por objetivo que o espectador proponha soluções para o problema encenado. De acordo com campanha desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em parceria com a RedeTrans e apoio do Ministério dos Direitos Humanos e do Conselho Nacional de Assistência Social, **homofobia** é o termo geralmente utilizado para se referir ao preconceito e à discriminação em razão de orientação sexual; já a **transfobia** é o preconceito e a discriminação em razão da identidade de gênero, contra travestis e transsexuais. Uma pessoa transexual possui uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico. Depois de dois encontros seguidos trabalhando os jogos teatrais, voltamos para uma abordagem teórica, visto que é imprescindível uma maior discussão sobre os temas abordados.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Apresentar de forma mais detalhada o Teatro Fórum, bem como expor e discutir os temas Homofobia e Transfobia.

Objetivos Específicos

- Discutir a presença desses temas na escola;
- Refletir sobre a relação Teatro Fórum e os temas Homofobia e Transfobia.

3. Conteúdo

- Teatro Fórum: conceito e contextualização;
- Homofobia e Transfobia.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada;

Apreciação de vídeos sobre o Teatro do Oprimido e, em especial, o Teatro Fórum, bem como vídeo sobre a Homofobia e a Transfobia.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

7º Encontro: 18/10/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Obras literárias que abordam a temática gênero, relação oprimido e opressor.

1. Introdução

As relações de oprimido e opressor, muitas vezes, são camufladas dentro de ambientes que aparentemente são acolhedores, mas que, no dia a dia, são inóspitos para aqueles que pertencem a um grupo que está à margem da sociedade. Nesse sentido, verifica-se a abordagem de gênero dentro da maioria das escolas brasileiras, que deveria ser um ambiente respeitoso, receptivo, de inclusão das diversidades, no entanto, está bem distante de ser a realidade vivenciada em nosso cotidiano de docente, uma vez que o que vemos são posicionamentos que silenciam, invisibilizam e oprimem os homoafetivos e pessoas LGBTQIAPNB+ em geral.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Selecionar o texto para a apresentação do Teatro Fórum;

Objetivos específicos

- Discutir a relação oprimido e opressor na perspectiva de gênero;
- Apresentar as obras literárias que abordam a temática gênero, bem como justificar tal escolha.

3. Conteúdo

- Relação oprimido e opressor e sua identificação com o tema gênero;
- Obras literárias que abordam o tema gênero.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador, som, livros.

6. Avaliação

Roda de conversa com os/as educandos/as para debater o que apreenderam da experiência vivenciada.

7. Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

8º encontro: 25/10/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Montagem da peça.

1. Introdução: Esse momento é extremamente importante, pois os/as educandos/as começarão a ver se materializar a apresentação tão desejada. Todos/as começam a se ver como protagonistas nesse processo de produção teatral.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Discutir o texto selecionado e quais partes serão apresentadas.

Objetivo específico

- Definir os papéis, montagem da peça, figurinos e trilha sonora.

3. Conteúdo

- Montagem de uma cena teatral.

4. Metodologia:

Aula expositiva dialogada.

5. Recursos Didáticos

Data show, computador, som, livros.

6. Avaliação

Roda de conversa para discutir a composição da encenação e todos os elementos envolvidos na produção para o Teatro Fórum.

7. Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

9º encontro: 01/11/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Montagem da peça

1. Introdução: É inevitável não criar expectativas quando o assunto é uma apresentação para o público, todos os encontros acabam se tornando laboratórios para o grande dia. O dia de ensaio faz os/as educandos/as projetarem o futuro, o que configura um estímulo para entregar-se ao máximo.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Realizar o primeiro ensaio para a encenação

Objetivo específico

- Discutir os ajustes necessários para a peça.

3. Conteúdo

- Montagem de uma cena teatral.
- Ensaio para a apresentação.

4. Metodologia

Orientação sobre o ensaio.

5. Recursos Didáticos

Livro, som.

6. Avaliação

Roda de conversa para discutir a composição da encenação e todos os elementos envolvidos na produção para o Teatro Fórum.

7. Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

10º Encontro: 08/11/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Montagem da peça

1. Introdução: Toda experiência vivenciada constrói memórias e nos ensaios isso vai ficando perceptível, uma vez que os/as próprios/as educandos/as relatam essas memórias. Eles/as se percebem como um coletivo e não na individualidade. Todos/as foram produtores nesse processo de criação e também de desconstrução de tabus, bem como de autopercepção e de aventura pelo desconhecido.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Realizar o segundo ensaio para a encenação

Objetivo específico

- Discutir os ajustes necessários para a peça.

3. Conteúdo

- Montagem de uma cena teatral.
- Ensaio para a apresentação.

4. Metodologia:

Orientação geral sobre o ensaio.

5. Recursos Didáticos:

Livro, som.

6. Avaliação

Roda de conversa para discutir a composição da encenação e todos os elementos envolvidos na produção para o Teatro Fórum.

7. Referências

ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro pós-dramático na escola** (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro na sala de aula). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

11º Encontro: 21/11/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Montagem da peça

1. Introdução: Chegou o último ensaio e ele traz consigo toda uma bagagem de emoções e inseguranças, mas quando o processo foi bem feito o medo começa a ceder lugar para o desejo de contemplar o resultado de tudo o que foi construído nessa caminhada. Abram as cortinas que nós vamos nos apresentar.

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Realizar o último ensaio para a encenação

Objetivo específico

- Discutir os ajustes necessários para a peça.

3. Conteúdo

- Montagem de uma cena teatral.
- Ensaio para a apresentação.

4. Metodologia

Orientação sobre os últimos ajustes.

5. Recursos Didáticos

Livro, som, Datashow.

6. Avaliação

Roda de conversa para discutir a composição da encenação e todos os elementos envolvidos na produção para o Teatro Fórum.

7. Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

12º Encontro: 28/11/2022

Componente curricular: Artes

Ano: 2022

Turmas: 01 (composta por educandos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Duração: Duas aulas de cinquenta minutos cada.

Tema: Montagem da peça.

1. Introdução

2. Objetivos

Objetivo Geral

- Realizar a encenação da peça teatral ensaiada

Objetivo específico

- Apresentar o espetáculo teatral preparado ao longo dos encontros anteriores.
- Promover a discussão proposta pela peça, conforme preconiza o Teatro Fórum.

3. Conteúdo

- Últimos ajustes e último ensaio.
- Apresentação de uma peça teatral.
- Provocação dos debates a partir do conteúdo da apresentação.

4. Referências

AZEVEDO, Alúcio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.